

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

THIAGO FERNANDES MADEIRA

**SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: NARRATIVAS DE
ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DA
REDE PÚBLICA EM SERRA-ES**

SÃO MATEUS

2019

THIAGO FERNANDES MADEIRA

**SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: NARRATIVAS
DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA
ESCOLA DA REDE PÚBLICA EM SERRA-ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo – Centro Universitário Norte do Espírito Santo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alayde Alcântara Salim

Coorientadora: Profa. Dra. Zaira Bomfante dos Santos

SÃO MATEUS

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F363s Fernandes Madeira, Thiago, 1987-
Sexualidade no ambiente escolar: narrativas de adolescentes
no ensino médio de uma escola da rede pública em Serra-ES /
Thiago Fernandes Madeira. - 2019.
98 f. : il.

Orientadora: Maria Alayde Alcântara Salim.
Coorientador: Záira Bomfante dos Santos.
Tese (Mestrado em Ensino na Educação Básica) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário
Norte do Espírito Santo.

1. Ensino médio atual. 2. Adolescentes - Comportamento
sexual. 3. Narrativas pessoais. I. Alcântara Salim, Maria Alayde.
II. Bomfante dos Santos, Záira. III. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro Universitário Norte do Espírito Santo. IV.
Título.

CDU: 37

THIAGO FERNANBES MADEIRA

SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: NARRATIVAS DE
ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA EM SERRA- ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 18 de dezembro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria Alayde Alcântara Salim
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora



ProP. Dr.ª Rita de Cássia Cristofoleti
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Sandro Nandolpho de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo

Dedico aos queridos estudantes que participaram desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Helena, que com todo seu esforço e dedicação me direcionou pelos caminhos a seguir.

Ao colegiado do PPGEEB, por mostrarem que o papel dos professores é sempre acreditar no potencial dos estudantes.

A minha colega de turma Giselly Cristiany, pelo carinho, presteza e sempre companheirismo, principalmente, nos dias mais solitários em São Mateus.

À EEEFM Armando Barbosa Quitiba de Sooretama, na pessoa do diretor Edson Helmer, pela acolhida no período em que lá exerci meu cargo de professor, pela compreensão ao estabelecer os horários de trabalho adaptando minha carga horária a uma realidade possível de se cursar o mestrado.

Ao meu amado Patrick, que, por todos os dias, me mostra que a simplicidade do amor é o que nos faz feliz.

E a todos que de alguma forma, direta ou indireta, contribuíram para a realização desta pesquisa.

“O que vão dizer de nós? Seus pais, Deus e coisas
tais

Quando ouvirem rumores, do nosso amor

Baby, eu já cansei de me esconder

Entre olhares, sussurros com você

Somos dois homens, e nada mais

Eles não vão vencer

Baby, nada há de ser, em vão antes dessa noite

acabar dance comigo, a nossa canção!

E flutua, flutua

Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar

E flutua, flutua

Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar

Entre conversas soltas pelo chão

Teu corpo teso, duro, são

E teu cheiro que ainda ficou na minha mão

Um novo tempo há de vencer

Pra que a gente possa florescer

E, baby, amar, amar, sem temer

Eles não vão vencer

Baby, nada há de ser, em vão

Antes dessa noite acabar

Baby, escute, é a nossa canção

E flutua, flutua

Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar

E flutua, flutua

Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar

Como amar

Como amar

Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar”

(Flutua - Johnny Hooker)

RESUMO

A sexualidade constitui uma questão polêmica no ambiente escolar e familiar, sendo que cada uma dessas instituições sociais tem a responsabilidade de formar, informar e orientar crianças e adolescentes sobre as descobertas e mudanças que ocorrem. Existem vários discursos acerca de sexualidade envolvendo a adolescência, contudo poucos são encontrados a partir da percepção dos próprios sujeitos. Pretendeu-se, portanto, trazer à tona os sentimentos que são alimentados por estes, enquanto alunos e como essa vivência se processa. O arcabouço teórico teve como principal fonte de informações a teoria da sexualidade proposta por Sigmund Freud (1905) e Foucault (2014), analisada por outros teóricos, com o objetivo de identificar a percepção de alunos adolescentes do ensino médio sobre sexualidade no ambiente escolar, na família e religião. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, com abordagem qualitativa, partindo da análise de descrição de dados de 12 alunos matriculados no ensino médio de uma escola da rede estadual no município de Serra, Espírito Santo. Os dados foram coletados a partir de encontros realizados em grupos focais para analisar o grau de conhecimento dos alunos sobre tema e definir os temas desenvolvidos e discutidos nas entrevistas abertas realizadas com os sujeitos de pesquisa. A partir dos temas definidos nos grupos focais, a maioria dos adolescentes mostrou saber sobre a importância de discutir as questões sobre sexualidade na escola e na família, com opiniões firmes, claras e objetivas de que o assunto não é tratado de modo adequado nesses dois espaços e que há necessidade de habilitar e qualificar o professor para que o tema *sexo* e *sexualidade* sejam abordados, em sala de aula, de modo mais natural para, então, abrir e manter o diálogo na família.

Palavras-chave: Adolescência; Sexualidade; Narrativas; Escola

ABSTRACT

Sexuality is a controversial issue in the school and family environment, and each of these social institutions has the responsibility to educate, inform and guide children and adolescents about the discoveries and changes that occur. There are several discourses about sexuality involving adolescence, but few are found from the perception of the subjects themselves, therefore, it was intended to bring out the feelings that are fed by them, as students and how this experience is processed. The theoretical framework had as its main source of information the theory of sexuality proposed by Sigmund Freud, analyzed by other theorists, aiming to identify the perception of high school adolescents about sexuality in the school environment, in the family, in religion. The methodology used was a case study with a qualitative approach, based on data description analysis of 12 students enrolled in high school of a state school in the municipality of Serra, Holy Esprit. Data were collected from focus group meetings to verify students' knowledge of the topic and to define the themes developed and discussed in open interviews with research subjects. From the themes defined in the focus groups, most adolescents showed to know about the importance of discussing sexuality issues at school and family, with firm, clear and objective opinions that the subject is not adequately addressed in these two spaces. And that there is a need to enable and qualify the teacher for the themes of sex and sexuality to be approached in the classroom and in a more natural way to open and maintain dialogue in the family.

Keywords: Adolescence; Sexuality; Narratives; School

LISTA DE ABEVIATURAS E SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CNE - Conselho Nacional de Educação

EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

GDE - Gênero e Diversidade na Escola

LGBTT- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

OMS - Organização Mundial de Saúde

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPGEEB - Mestrado Acadêmico em Ensino na Educação Básica

SEDU - Secretaria de Estado da Educação

UAB - Universidade Aberta do Brasil

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Procedimentos de busca por pesquisas recentes na área	37
Figura 2 - Registro de Grupo Focal.....	52
Figura 2 - Adolescência na percepção de uma aluna	57
Figura 3 - Representação do estudante sobre o que é para ele a Adolescência	59
Figura 4 - Representação para a aluna do que é para ela a Adolescência	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 QUESTÕES SOBRE A SEXUALIDADE À LUZ DOS TRÊS ENSAIOS DE FREUD	18
1.1 PRIMEIRO ENSAIO: ABERRAÇÕES SEXUAIS	19
1.2 SEGUNDO ENSAIO: SEXUALIDADE INFANTIL	20
1.3 TERCEIRO ENSAIO: TRANSFORMAÇÕES NA PUBERDADE	23
1.4 POSSÍVEIS NARRATIVAS TEÓRICAS EM SEXUALIDADE	24
2 CONSTRUINDO UMA REDE DE SABERES TEÓRICOS SOBRE QUESTÕES DA ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO	28
2.1 ADOLESCÊNCIA	29
2.2 JUVENTUDE, SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA	33
2.3 SEXUALIDADE: CONTEXTO GERAL E NO ÂMBITO ESCOLAR	36
3 MATERIAL E MÉTODOS	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
4.1 NARRATIVAS DOS ALUNOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA	54
4.2 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE TRANSFORMAÇÕES NO CORPO E NOS ÓRGÃOS GENITAIS.....	60
4.3 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE	60
4.4 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE	67
4.5 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE RELIGIÃO, FAMÍLIA E SEXUALIDADE	71
4.6 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE SEXO, SEXUALIDADE E SOCIEDADE	76
4.8 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE NA ESCOLA.....	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
APÊNDICE 1 – REPRESENTAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA PARA OS ALUNOS	94
APÊNDICE 2 – SER ADULTO, SER ADOLESCENTE	97
ANEXO	98

INTRODUÇÃO

Ao ingressar no curso de mestrado acadêmico em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), remeteu-me ao ano de 2010, quando participei de um processo seletivo na Prefeitura de Vitória e, posteriormente, escolhido para estagiar na Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos, especificamente, no Programa Vitória Sem Homofobia, que visava desconstruir pré-conceitos e estereótipos, acerca da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT), política voltada, em especial, aos residentes da cidade de Vitória. Nesse período, tive a oportunidade de participar em várias ações políticas e educacionais, que visavam à construção de uma cidade mais igualitária.

Sou homossexual e uma das maiores motivações para essa escolha de tema deve-se, principalmente, a minha experiência de vida pessoal e da minha prática, enquanto professor do ensino médio, que, por uma fácil abertura para o diálogo com meus alunos, ouço, frequentemente, questionamentos sobre as sexualidades. Minha vida profissional docente teve início em 2013 quando, recém-formado no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Espírito Santo, ingressei no quadro de professores da Secretaria de Estado da Educação (SEDU), atualmente, sou efetivo e exerço a função de Coordenador Pedagógico em Escola de Tempo Integral de Ensino Fundamental e Médio. Ao longo do meu percurso, enquanto profissional da educação, reuni algumas inquietações acerca das questões de gênero e sexualidades.

Sou natural de Serra, município ao norte da Grande Vitória, e com a aprovação em concurso público, em 2016, mudei para a cidade de São Mateus. Nesse mesmo ano, participei do processo seletivo do Mestrado Acadêmico em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) e fui aprovado. Em 2017, teve início minha trajetória como discente da Pós-graduação em Ensino na Educação Básica e as pesquisas acerca da temática na área da Sexualidade e Adolescência. Inicialmente, o propósito era investigar os impactos que o sistema capitalista sobrepõe aos sujeitos adolescentes e suas sexualidades. Contudo, ao decorrer do curso enveredei por outros campos, com destaque à psicanálise freudiana.

O acelerado processo de transformações humanas e com as possibilidades mais amplas de acesso à informação, a expressiva mudança comportamental trouxe à tona a necessidade de discutir um assunto em evidência na atualidade e que a cada dia ganha maior relevância, a questão de sexualidade. O debate acerca da sexualidade e adolescência vem se tornando objeto constante na mídia, no meio acadêmico e no contexto escolar, mas ainda é abordado com limites, superficialidades e senso comum, em função da resistência política e religiosa. No aspecto educacional, observa-se que a retirada dos termos sexualidade e identidade de gênero da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) merece uma discussão aprofundada. É importante destacar a consideração de Nunes e Silva (2006, p. 73), o qual afirma que “a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas”.

Trazer para o cotidiano das escolas a discussão sobre sexualidade permite dar visibilidade ao tema, propor novas discussões sobre tabus¹ e normas condicionantes, frequentemente, naturalizadas pela sociedade patriarcal² e heteronormativa³. A literatura que discute a sexualidade nas ações da escola vem recebendo novas contribuições que indicam o crescente interesse acadêmico sobre o tema. Parte expressiva destes trabalhos, pautando-se nas obras de Freud (1905, 1977 e 2006), Nunes e Silva (2006); Rodrigues, Wechsler (2014); Silva e Brígida (2016) e Zornig (2008) demonstram que a perspectiva dos estudantes sobre o assunto é essencial para analisar as implicações e desdobramentos nas práticas pedagógicas e como essas produzem experiências que impactam diretamente a vida dos adolescentes.

A importância das estratégias e práticas pedagógicas é fundamental para problematizar a discussão acerca de sexualidade na escola, pois podem contribuir para que os estudantes aprendam de modo mais significativo, modificando positivamente a forma com que dialogam com o aprendizado no seu dia a dia. Uma

¹Os tabus, divergem em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’ (FREUD, 1976).

²Designação do que vem a ser a origem de duas palavras gregas: pater (pai) e arke (origem e comando), portanto, vindo a significar o patriarcado como: a autoridade do pai. Vista de uma perspectiva de formação social dá-se a compreensão de patriarcado como o poder dos homens, ou mais simplesmente, o poder é dos homens (CISNE, 2003).

³A sociedade exige uma coerência entre sexo-gênero-desejo e prática sexual e, ao fazer isso, heterossexualidade deixa de ser apenas uma entre tantas formas de viver a sexualidade para se tornar uma imposição, uma coerção sobre os corpos (BUTLER, 2003).

das características da sociedade brasileira é a desigualdade (IBGE, 2010), particularmente, nos processos de escolarização de grupos determinados e diferenciados não só pela classe social, mas pelas assimetrias de sexualidade.

Brougère (1995), por exemplo, entende que, a partir de nosso nascimento, somos ensinados a sermos meninos ou meninas, conforme as cores das roupas, os brinquedos e as brincadeiras, constituindo modos de pensar e de agir ditos apropriados e inapropriados. Tal processo termina por ser reproduzido e reforçado em lócus de reprodução pelas práticas pedagógicas, no uso no cotidiano escolar de atividades e adjetivos distintos para homens e mulheres, fragmentam os papéis sociais de gênero, isso influencia, enormemente, a forma como lidamos com nossa sexualidade.

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento e peculiar do ser humano, processo de maturação biopsicossocial do indivíduo, um elo entre a fase infantil e a fase adulta. Os aspectos psicológicos, biológicos, sociais e culturais do adolescente constituem um conjunto de características que proporciona unidade ao fenômeno da adolescência. Na adolescência, com base nos “Três Ensaios sobre a Sexualidade”, de Freud (1905), não é possível determinar uma absoluta correspondência entre as eventualidades fisiológicas, psicológicas e sociais, haja vista que ocorrem em ritmos diferenciados.

Sexo e sexualidade são assuntos importantes na vida dos adolescentes, indivíduos em fase de transformação física e psicológica, constituindo assim, uma das questões primordiais nesta faixa etária. Como a literatura discute a questão da sexualidade na escola? Qual a relação efetiva entre teoria e prática pedagógica, no que tange a abordagem da sexualidade, no cotidiano da sala de aula? A forma como o professor trabalha a sexualidade, na aprendizagem, corresponde à percepção dos alunos? Essas questões levaram a problematizar as narrativas dos adolescentes da rede pública de ensino de Serra, Espírito Santo, matriculados no Ensino Médio, sobre a sexualidade e adolescência na escola?

Analisar a percepção de adolescentes, acerca de sexualidade na escola, é um dos caminhos para ouvir a voz desses sujeitos, haja vista que as práticas pedagógicas Transversais de Educação Sexual para Adolescentes sofrem influência da interação

de fatores biológicos, políticos, econômicos, psicológicos, éticos, histórico-cultural, entre outros.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar a percepção de estudantes do Ensino Médio sobre sexualidade e adolescência, em escola pública do estado do Espírito Santo.

Os objetivos específicos:

- Identificar discursos que complementem ou corroboram práticas de discriminação e preconceito na sociedade;
- Pesquisar as concepções dos participantes da pesquisa acerca de sexualidade na perspectiva da religião, família e escola;
- Compreender a relação dos participantes com sua própria sexualidade no contexto social em que vivem.

Contemplar esses objetivos indicou a necessidade de explorar as principais concepções teóricas sobre os aspectos históricos do conceito de sexualidade e como a cultura concebe essa questão, no universo contemporâneo e no ambiente escolar.

A abordagem da sexualidade ainda é um assunto mesclado de tabu para a família e para os professores. Observou-se ao longo da pesquisa que isto pode ser um aspecto confuso para adolescentes que estão em fase de transição física e intelectual e acabam buscando informações, na maioria das vezes, em redes sociais na internet, sites ou trocando experiências com amigos próximos.

Essas inquietações e interesse pela temática levaram-me a delinear esta proposta em quatro capítulos que dialogam entre si, diálogos estes fundamentados no objetivo geral e específicos:

No primeiro capítulo, a abordagem teve como base teórico os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, de Freud (1905): Aberrações sexuais, Sexualidade infantil e Transformações da Puberdade. Com a contribuição teórica de Foucault (2014), Louro (2007), Butler (2003), foi possível compreender como a relação

sexualidade e adolescência se estabelecem, além disso, percebemos como os pontos polêmicos e pensamentos complementares tratam as questões de sexualidade.

Foucault (2014, p. 244) afirma que a “sexualidade é um dispositivo histórico, uma rede através de alguns discursos/decisões que se concretizam saberes/verdades”. Mas, a discussão sexualidade na escola é uma abordagem que para Louro (2007) é construída pelos indivíduos e perpassada por experiências sociais emocionais e pela singularidade de cada um ao passar por esses processos. Indo por outra linha de análise, mas que integra o debate da sexualidade, Butler (2003, p. 4) trabalha a questão do gênero, cujo conceito considera ter sido “[...] forjado como oposição ao determinismo biológico existente na ideia de sexo, que implica na biologia como um destino: o sujeito”.

No segundo capítulo, buscou-se mostrar como que a temática sexualidade é abordada por Diehl e Vieira (2013), Freud (1976), Berni e Roso (2014), Ozella, (2013), entre outros, com ênfase em como suas concepções e estudos entrelaçam ideias e pensamentos sobre a sexualidade. As diferentes concepções teóricas, em alguns pontos, são complementares, como, por exemplo, a adolescência ser a faixa etária mais conflituosa e que sexo e sexualidade devem ser temas tratados de forma aberta no seio familiar e no ambiente escolar. Para Berni e Roso (2014, p. 5), “a duração da adolescência é de dez anos ou mais, e todo o tipo de desenvolvimento é rápido e constante. Previamente à adolescência existe a pré-adolescência, que cobre as idades de oito a 12 anos”.

O terceiro capítulo apresenta o procedimento metodológico que deu suporte para o desenvolvimento de uma pesquisa exploratória, que teve como instrumento principal o Grupo Focal, e, a partir de temas sugeridos no decorrer dos grupos, buscamos uma abordagem qualitativa e exploratória objetivando identificar as percepções dos alunos, apresentadas em narrativas próprias. O quarto capítulo, Resultados e Discussão, apresenta a análise das percepções dos alunos sobre adolescência, sexo, sexualidade e a homossexualidade na esfera familiar e escolar.

1 QUESTÕES SOBRE A SEXUALIDADE À LUZ DOS TRÊS ENSAIOS DE FREUD

A sexualidade é um tema polêmico e complexo que suscita muitos debates e discussões, neste sentido, a proposta é trabalhar com alguns conceitos psicanalíticos e filosóficos para analisar as concepções contemporâneas acerca de sexualidade.

Para tornar a fortalecer a discussão e contrapor opiniões e/ou complementar ideias e pensamentos tomou-se como base para a discussão sobre a sexualidade a obra de Freud, os “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”: Aberrações sexuais, Sexualidade infantil e as Transformações da puberdade. Destacamos, também, contribuições de estudiosos e pesquisadores da área educacional e do campo da Sociologia, tais como, Nunes e Silva (2006); Rodrigues, Wechsler (2014); Zornig (2008), Butler (2003) por discutirem a temática na perspectiva dos alunos, contexto social, familiar e da própria escola, inserindo no debate as questões de gênero e sua relação com a sexualidade.

Nos “Três ensaios sobre a sexualidade”, Freud (1905) criticou a premissa de que a sexualidade desperta na puberdade, só concede primazia aos órgãos genitais e os coloca a serviço da função reprodutiva. As neuroses seriam os conflitos de ordem sexual gerados desde os primeiros anos de vida dos indivíduos. Considerada uma condição essencial para existência humana, Freud (1905) ao conceituar a sexualidade como parte “fundante” do ser foi o primeiro a pensar a sexualidade de forma mais ampla e profunda, bem como o início de sua existência desde a tenra idade.

O conceito de sexualidade não se reduz aos genitais, ao ato sexual, haja vista que é polimorfa e polivalente, vai além das necessidades fisiológicas e está relacionada ao desejo. Pulsão² substituiu a definição de instinto e caso se apresente como um conceito muito complexo, pode ser desmembrado em vários componentes de origem diversa. Entretanto, antes de tudo independe da função procriadora (FREUD, 1905).

Partindo dessas considerações, esta dissertação apresenta os principais aspectos de cada ensaio discutido por Freud, o intuito é mostrar a sexualidade em cada etapa de

²Conceito de disposição perverso-polimorfa, zona erógena, pulsão parcial e libido, a sexualidade configurou-se como porta de entrada para a compreensão da vida psíquica (FREUD, 1905).

desenvolvimento até a adolescência.

1.1 PRIMEIRO ENSAIO: ABERRAÇÕES SEXUAIS

Neste ensaio, a discussão trata dos desvios associados ao objeto sexual e à meta sexual, observações acerca das perversões, pulsão sexual nos neuróticos, instintos parciais e zonas erógenas; explicações sobre a aparente predominância da sexualidade perversa nas psiconeuroses e indicação do infantilismo da sexualidade.

Segundo Freud (1905), as aberrações sexuais se classificam em dois tipos distintos de desvios: quanto ao objeto e objetivos, apresentando nesse contexto a definição de pulsão. Ainda de acordo com Freud (1905, p. 149), a pulsão sexual manifesta-se “independente de seu objeto e nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos do seu objeto, onde se distingue do instinto sexual [...]”, em quatro elementos: pressão, finalidade, fonte e objeto.

Freud (1905, p. 142) destaca os elementos que compõem a pulsão, ou seja, pressão; finalidade, objetivo ou alvo; objeto e fonte. Esses elementos possuem características próprias e específicas:

Pressão: [...] fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência que ela representa;
 Finalidade: [...] é sempre satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte do instinto;
 Fonte: [...] o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto;
 Objeto: [...] é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação.

Ocorre que a atividade sexual do homem foi classificada em duas fases: uma tem sob sua responsabilidade a excitação para a manutenção do sujeito ao objeto infantil, que será interrompido na latência; a outra é a puberdade, cujo lugar é assegurado, enquanto os objetos escolhidos na infância se mostram sem utilidade. A discussão sobre sexualidade tem muitos aspectos subjetivos. Nesse contexto, no período puberal na escolha do objeto é obrigatório abrir mão dos objetos que fazem parte da “infância, começar nova corrente sensual e as correntes afetiva e sensual não convergirem, o resultado é um dos ideais da vida sexual, concentrar os desejos num único objeto será intangível” (FREUD, 1905, p. 206).

A abordagem seguinte discute a teoria as questões levantadas por Freud no segundo ensaio denominado “Sexualidade Infantil”, visto que ele trata da adolescência momentaneamente no início do terceiro ensaio, mas não objetivava focar nesta etapa.

1.2 SEGUNDO ENSAIO – SEXUALIDADE INFANTIL

Nesse ensaio, no tópico “Sexualidade Infantil”, Freud (1905) discorre sobre o período de latência sexual da infância e suas interrupções; as manifestações da sexualidade infantil; a meta sexual da sexualidade infantil; as manifestações sexuais masturbatórias; a pesquisa sexual infantil; fases de desenvolvimento da organização sexual e as fontes da sexualidade infantil. Em seus estudos, Freud (1905) enfatiza que a sexualidade infantil emerge na ciência moderna como parte fundante do ser.

Com essa pesquisa e divisão da formação e construção da personalidade em estágios, Freud (1905) quebrou o estigma de que a criança era um ser puro e inocente se consideradas as características específicas do seu desenvolvimento psicosssexual, e as classificou nas seguintes fases:

a) Oral: vai do nascimento à idade de um ano, a boca é fonte de prazer por meio de estímulos tais como chupar os seios, os dedos, as mãos, etc. Segundo Couto (2017, p. 2) são características dessa fase, de acordo com o pensamento Freudiano, o “prazer ligado a mucosa dos lábios e à cavidade bucal, fonte de onde provêm as excitações é a zona oral, o objeto é o seio materno e o objetivo é a introjeção do objeto”;

b) Anal: período que compreende a idade de um aos três anos, quando a criança aprende a controlar os esfíncteres e desenvolve maturidade fisiológica, consideradas as zonas erógenas. Para Freud (1905, p. 175), a dualidade atividade/passividade é a característica desta fase haja vista a “[...] recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprouver a ele próprio”;

c) Fálica: vai dos três aos seis anos de idade, a criança descobre os órgãos sexuais (menino, menina), a partir da curiosidade e pelo toque. Desenvolvimento do Complexo de Édipo, para o filho, o pai como rival em se tratando do afeto da mãe. De acordo com a teoria da sexualidade proposta por Freud (1905), Miranda (2013, p. 261) destaca

que “apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época”.

d) Latência: vai dos seis aos 11 anos, intermedeia a sexualidade infantil e adulta. Em seus estudos Freud (1905), segundo Couto (2017, p. 3) enfatizou que nessa fase o “investimento libidinal se desloca dos objetivos sexuais, sendo canalizado para outras finalidades, como o desenvolvimento intelectual e social”.

e) Genital: período que vai dos 11 aos 18 anos idade, de acordo com Freud é quando começam os relacionamentos sexuais sendo o maior interesse pelo sexo oposto, ou seja, o próprio corpo deixa de ser o objetivo sexual, assim meninos e meninas iniciam a construção da identidade e a afirmação de sua consciência sexual (SILVA; BRÍGIDO, 2016).

Freud (1905, p. 162) ressaltou que cada fase é uma forma única, como um hieróglifo, fazendo com que cada indivíduo reaja diferentemente as pulsões sexuais, e diz:

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância, e só desperta no período da vida designado puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual [...].

No âmbito da psicologia, as pesquisas freudianas sobre a sexualidade são uma crítica à comunidade médica que a tratavam somente na perspectiva biológica³. Para Freud (1905, p. 177), um estudo completo acerca das “[...] manifestações sexuais da infância revelaria os caracteres essenciais da pulsão sexual, mostraria o curso de seu desenvolvimento e como ela se consolida a partir de várias fontes”.

Nesta discussão o Freud (1905), destaca que a sexualidade passou por processos de controle e bloqueio que impediram as possibilidades de se falar no assunto, o mesmo considera que a sexualidade é normal nas crianças e nem precisa de estimulação externa, pois nada ocorre por acaso, muito menos os processos mentais.

A sexualidade é a força motora imprescindível para constituição humana, um sujeito saudável torna-se assim; passando pelos processos de sublimação de forma

³Sexo Biológico: Arán (2006) nos esclarece que são os órgãos reprodutivos, os quais são programados e fixados ao corpo orgânico, conhecidos por pênis, vagina ou ambos.

satisfatória e somente assim é possível articular uma formação psíquica adequada a uma vida social normal, em que a energia pulsional sexual é canalizada para a realização de artes, esportes e inteligência. Com base nessas colocações, em suas pesquisas Freud (1905, p. 126) afirmou ser conveniente:

[...] lembrar que parte desse escrito - a saber, sua insistência na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação aqui ensaiada do conceito de sexualidade - tem constituído o mais forte motivo para a resistência que se opõe a psicanálise. (FREUD, 1905, p. 126).

A sexualidade humana integra o trabalho e a teoria freudiana. Na terceira parte da obra 'Conferências Introdutórias sobre Psicanálise', Freud (1905) expôs que para desenvolver sua teoria observou o comportamento de seus pacientes adultos, durante seus atendimentos, sistematizando e comparando os resultados.

Neste sentido, sabemos que as crianças não foram ponto de partida para suas pesquisas e que somente na XX Conferência, em Viena, Freud (1905, p. 309), tratou da sexualidade humana, argumentando:

[...] não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de sexual. Talvez a única definição acertada fosse tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo.

Dando continuidade ao seu discurso proferido na XX Conferência de Viena, Freud (1905) enfatizou que o ser humano, ao longo de toda a sua existência, segue acompanhado por sua sexualidade e com sua teoria quebrou vários paradigmas ao tratar da sexualidade infantil, tanto que na época suas descobertas causaram grande impacto na sociedade ocidental.

No século XVIII, a masturbação infantil foi uma questão polêmica e, em algumas situações, concebida como doença. Além disto, a infância era entendida como algo a ser preservado e cheio de purezas. Já a adolescência, um período em que acontece muitas transformações relacionadas à masturbação sexual, é entendida como o momento da transição da infância para a adolescência, iniciando também a menstruação das meninas e a capacidade de ejacular dos meninos (FREUD, 2006).

A partir das pesquisas e teoria da sexualidade freudianas, outros autores analisam e/ou criticam a questão da sexualidade infantil. Silva Junior (2007, p. 9) enfatiza que a sexualidade se constrói a partir das relações corporais que os bebês estabelecem “com os pais e com as pessoas responsáveis por cuidar deles, como por exemplo, ao sugar o leite materno, o toque, as trocas de olhares, as sensações corporais, o banho [...]”.

Contribuindo com essa discussão, Oliveira (2016, p. 5) destaca que essas relações seguem junto à família, aos amigos e às influências do meio social associadas à “capacidade da mãe de tocar o filho, aconchegá-lo, acolhê-lo psicologicamente será a base para o desenvolvimento da resposta erótica para construir vínculos amorosos [...]”.

Em meio a discussões, contraposições de ideias e entendimento, Freud (1905) deu seguimento a sua teoria da sexualidade e, no terceiro ensaio, tratou das transformações que ocorrem na puberdade.

1.3 TERCEIRO ENSAIO: TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE

Neste ensaio, as questões discutidas foram as zonas genitais e o prazer preliminar; o problema da excitação sexual; a teoria da libido; diferenciação de homem e mulher e a descoberta do objeto. A partir da afirmação de Freud (1905, p. 166), que a “puberdade introduz mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva, até então, a pulsão sexual era auto-erótica; agora encontra o objeto sexual, mas surge um novo alvo sexual [...]”.

Neste sentido a puberdade é um momento conturbado para o adolescente, por ser a saída da infância para a adolescência, um processo acelerado que pode acabar muito antes do fim da adolescência, considerando que envolve a maturação física, alterações hormonais e corporais, fatores que caracterizam a adolescência inicial. Essa fase etária tem como marcas turbulências, conflitos e alterações de humor, com a mudança do corpo afloram os hormônios, os órgãos genitais e as funções reprodutoras se preparam para a reprodução (DIELH; VIEIRA, 2013).

Nesta faixa etária, ou seja, na puberdade, despontam grandes conflitos como pensamentos, boas intenções alegrias e tristezas e a maioria considera que sabe de

tudo, que são donos da verdade, da razão. A preocupação predominante é idealização do corpo perfeito, as meninas mostram-se menos satisfeitas e com imagem corporal estética mais negativa do que os meninos.

Além disso, ao longo do processo de desenvolvimento humano e psicosssexual, as “questões sexuais vão adquirindo novas proporções, sendo na puberdade a fase na qual conjuga-se as pulsações parciais organizadas, subordinadas à zona erógena genital. O novo alvo consiste na descarga dos produtos sexuais” (FREUD, 1905, p. 168).

Na puberdade, as transformações corporais são mais evidentes e quando o adolescente consegue encontrar o objeto, Freud (1905, p. 209) afirma que durante os “processos da puberdade firma-se o primado das zonas genitais e, no homem, o ímpeto do membro agora capaz de ereção remete imperiosamente para o novo alvo sexual: a penetração numa cavidade do corpo que excite sua zona genital”.

Há, nesses trechos, muitos elementos para destacar e discutir. Em primeiro lugar, de acordo com Freud (ainda no início do terceiro ensaio), é possível distinguir duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta (ou alvo) sexual: a terna e a sensual.

Pelas características de cada ensaio apresentado por Freud (1905, p. 41), observa-se que os temas são integrados, mostrando o comportamento e as relações do indivíduo com a sua própria sexualidade, ao longo de suas etapas de vida.

Serve para dar ensejo a diversas espécies de sensações agradáveis que nós pelas suas analogias e conexões, englobamos como prazer sexual. A principal fonte de prazer sexual infantil é a excitação apropriada de determinadas partes do corpo particularmente excitáveis, além dos órgãos genitais, os orifícios da boca, ânus e uretra e também a pele e outras superfícies sensoriais [...].FREUD, 1905

Libido, desejo, impulso sexual são elementos que fazem parte do cotidiano do ser humano, e como Freud demonstra em seus estudos, principalmente, nos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, as manifestações ocorrem do nascimento até o final da vida. Mesmo após divulgação das teorias relacionadas à sexualidade, ainda não é consenso conceber que as crianças já nascem sexuais. Logo, é preciso mostrar os diferentes conceitos de sexualidade e sexo.

1.4 POSSÍVEIS NARRATIVAS TEÓRICAS EM SEXUALIDADE

Várias teorias abordam as questões relacionadas à sexualidade e delas é possível desenvolver várias reflexões. Por exemplo, em seus estudos, Bento (2006, p. 89) argumenta que uma das normas que torna a sexualidade viável é o sexo, que:

[...] qualifica um corpo para a vida inteligível. Há uma amarração e costura ditadas pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referida a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam foram dessa amarração são postas às margens, pois são analisadas como identidades transtornadas pelo saber médico.

O sexo pode ser entendido a partir da biologia, enquanto a sexualidade compreende uma maior dimensão do corpo tátil e é composta pela cultura e história humana. Segundo Nunes e Silva (2006, p. 73) “a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas”.

Sexualidade, segundo Egypto (2003, p.15) “é a energia que motiva a encontrar o amor, se expressa na forma de sentir, de as pessoas tocarem e serem tocadas, influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações na saúde física e mental”.

A sexualidade inicia na infância, marcada pelas primeiras experiências afetivas das crianças, tudo baseado no prazer das sensações, o organismo então vai atrás de conseguir essas sensações por meio da energia vital que provém das pulsões denominada libido. Em ‘Obras Completas’, Freud (1977, p. 135) derrubou a clássica noção de sexualidade como instinto, que com sua teoria, passou a se entender a puberdade não como etapa inicial da sexualidade e sim a infância ao afirmar:

A opinião popular tem ideias muito precisas a respeito da natureza e das características e do instinto sexual. A concepção geral é que está ausente na infância, que se manifesta por ocasião da puberdade em relação ao processo de chegada da maturidade e se revela nas manifestações de uma atração irresistível exercida por um sexo sobre o outro; quanto ao seu objetivo presume-se que seja a união sexual, ou pelo menos atos que conduzam nessa direção.

Não é necessário amadurecimento dos órgãos genitais para que a sexualidade surja. Na puberdade, o adolescente se vê diante de muitas novidades, transformação física e crescimento intelectual, uma passagem para a vida adulta, pois a pulsão sexual se transforma em serviço de reprodução. Essas mudanças mexem com o psicológico e com as questões relacionadas à sexualidade. Para Zornig (2008, p. 73), ao falar sobre a pulsão sexual afirma que:

A concepção clássica de instinto tem como modelo um comportamento que se caracteriza por sua finalidade fixa e pré-formada, com um objeto e objetivos determinados, enquanto a noção freudiana de sexualidade defende a ideia de que a sexualidade humana não é instintiva, pois o homem busca o prazer e a satisfação através de diversas modalidades, baseadas em sua história individual e ultrapassando as necessidades fisiológicas fundamentais. Assim, se a sexualidade se inicia com anatomia (no nascimento), sua conquista depende de um longo percurso durante a construção da subjetividade da criança.

Há confusão sobre o que seja instinto e pulsão sexual, haja vista que tem relação direta com as questões e práticas sexuais. Assim, há um outro elemento que se insere e se integra o conceito de sexualidade, que é a libido. De acordo com Fiori (2003, p. 33), a libido é um tipo de “energia afetiva original que sofrerá progressivas organizações durante o desenvolvimento, cada uma das quais suportadas por uma organização da libido, apoiada numa zona erógena corporal [...]”.

Na mesma seara dessa discussão, Freud (1905) considera a libido algo que impulsiona os sujeitos, direcionada à busca do prazer, desde o nascimento à morte e que as fases psicosexuais se desenvolvem e concentram a parte da libido nas zonas erógenas. Complementando, segundo Rodrigues e Wechsler (2014, p. 90), afirmam “a sexualidade é muito mais que ato sexual, pois leva marcas da cultura e da história de cada um e da sociedade, meio ao qual se está inserida”.

Em História da Sexualidade I, o filósofo francês Michel Foucault (2014) destacou que, na civilização contemporânea, fala-se muito sobre sexualidade, sobretudo, para proibi-la. Isso ocorre nas instâncias da família, da religião, da comunidade, escola e outras instituições.

A partir do século XVII, a história da humanidade registra grande produção de discursos sobre o sexo, baseada na técnica da confissão, difundida pela Igreja, com o objetivo de possibilitar a constituição da sexualidade como objeto de verdade. Com esse dispositivo, as instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas difundiram amplamente os aspectos envolvendo o sexo e seus prazeres que acabaram se corroborando como um conjunto de regras e normas apoiadas em valores e morais próprios. Mudanças no modo que os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. As mulheres, durante muito tempo, foram reduzidas a seres reprodutores, submetidas ao desejo masculino ou somente para gerar filhos, presas a um destino biológico

(FOUCAULT, 2014)

Ao tratarmos da aproximação entre estes dois autores, buscamos compreender as diferentes facetas na temática da sexualidade, em Freud encontra-se a hipótese repressiva enquanto que em Foucault o foco é a analítica do poder. Foucault afirma que o dispositivo de sexualidade produz efeitos “nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais” (FOUCAULT, 1976/2006, p.139) Freud destacaria a dimensão simbólica do corpo, que está na esfera do psiquismo humano, do inconsciente (MEZAN, 1985 apud CHAVES, 1988) segundo ele a pulsão sexual vai de encontro por muitas vezes a própria biologia do corpo, pervertendo sua função orgânica.

A família é a base para o desenvolvimento do papel sexual, principalmente, os pais, pessoas nas quais a criança escolhe como modelo de homem e mulher para se espelhar. É comum que os pais tenham dificuldade em falar com seus filhos sobre sexo, pois, na realidade, os pais têm vergonha de falar sobre sexo e sexualidade.

O diálogo, em qualquer circunstância, ainda é a chave do entendimento, do esclarecimento de dúvidas e de orientação, bem como constitui uma eficiente fonte de captação de conhecimento e troca de experiência sobre sexo e sexualidade, principalmente, no seio familiar. As crianças se espelham nos pais para formar a sua personalidade, ao passo que o caráter do convívio em sociedade é responsabilidade da educação, da escola e professores. É importante enfatizar que pais, professores e educadores estão unidos pela mesma responsabilidade social: preparar, inserir, gerar e habilitar as novas gerações do convívio ao grupo social a que pertencem.

Juntar e conciliar essas ações, descrever e explicar são fatos para sensibilizar sobre a realidade e consciência de sermos responsáveis em contribuir com a vivência cultural e social, sem deixar que o voluntarismo distorça o assunto sexo na vida das crianças e adolescentes (NUNES, SILVA; 2006). Na passagem da puberdade para a adolescência, mudanças, não só corporais, mas também psicológicas, fazem que seus valores psicossociais sejam interiorizados, projetos sendo criados que serão essências para o seu amadurecimento e integração na sociedade.

Outra questão importante associada à sexualidade, um conceito moderno, é a homossexualidade uma questão envolta em preconceitos, tabus e discriminação em

várias esferas sociais. A título de complementação, na Grécia antiga, por exemplo, a liberdade “sexual entre as pessoas foi considerada uma situação normal, sem discriminação e a homossexualidade era vista como uma necessidade natural, não fixada a uma preferência sexual” (DIAS, 2006, p. 24).

É importante frisar que nesses encontros predominava a presença masculina, à mulher e escravos cabia a responsabilidade de servir, animar e entreter os convidados. Então, Platão, em seu discurso, integra “o lazer, a imagem de personagens com livre trânsito e cada palavra, entonação de voz ganha corpo na fala de quem as profere [...] o erotismo discursivo acontece na travessia dialética do corpo verbal [...]” (SCHULLER, 1992).

Quando o assunto é sexo, sexualidade observa-se que alguns adolescentes são capazes de falar abertamente sobre o tema; outros, entretanto, se mostram tímidos. A escola deveria transpor ou passar essa questão não apenas se pautando na fisiologia do corpo, mas esboçar com clareza as questões que envolvem a sexualidade (WEINBERG, 2007).

O tema sexualidade, na grade curricular, não é tratado, o ideal é que a escola seja o espaço de coletividade para discutir esse tema e acolher a família, pois sua função social é difundir todos os tipos e/ou a maioria dos conhecimentos, inclusive sexo e sexualidade. A próxima abordagem trata da relação entre adolescência, sexualidade e educação, discussões que auxiliaram na construção e um saber teórico sobre o assunto.

2 CONSTRUINDO UMA REDE DE SABERES TEÓRICOS SOBRE AS QUESTÕES DA ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR

Neste capítulo a abordagem trata, especificamente, de questões relacionadas à adolescência e à descoberta da sexualidade, apresentando diferentes concepções teóricas que auxiliam na construção de uma rede de saber pautado na cientificidade, nos aspectos psicológicos que dizem respeito ao tema destacando a associação entre adolescência, psicanálise e educação.

A proposta é destacar os conceitos de adolescência e sexualidade, com base na literatura de Traverso-Yepez (2002), da Organização Mundial de Saúde (2000), Preuschoff (2003), Ozella (2013), Lacadée (2011) Rechia (2005), Foucault (2004) e Freud (1906).

2.1 ADOLESCÊNCIA

A adolescência, de acordo com Traverso-Yepez e Pinheiro (2002, p. 133), é considerada a etapa mais complexa no processo de desenvolvimento humano e sua “terminologia é derivada do verbo latim (*ad* = para e *olescere* = crescer), apontando para uma das fases de crescimento e amadurecimento na qual o indivíduo sofre várias mudanças físicas, comportamentais, emocionais e sociais”.

A adolescência é a faixa etária classificada como a mais complicada dos processos de desenvolvimento humano, por corresponder a uma fase assinalada por grandes transformações físicas e psicossociais, que se apresentam voláteis, construída em meio a influência e composição de inúmeros vetores. Além disto, apontam para o desafio às relações que esta fase interpõe, pela necessidade de novas condutas, aberturas e articulações que possibilitem ao indivíduo que vivencia um movimento constante de construção de si e ressignificação de sua existência (PFROMM NETTO, 1976).

No âmbito da legislação brasileira, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), adolescência é a faixa etária entre 12 e 18 anos, representando um descompasso na conceituação apresentada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000), onde a idade compreendida é entre os 15 aos 19 anos e se subdivide em três fases: pré-adolescência (dos dez aos 14 anos), adolescência (dos 15 aos 19 anos completos) e juventude (dos 15 aos 24 anos).

Para a Organização Mundial de Saúde – OMS (2000), o conceito de puberdade constitui um processo biológico de vivências orgânicas que aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Mas, não é possível impor limites específicos à adolescência que por classificação social, varia em sua composição e em implicações.

A adolescência caracteriza um sujeito com capacidade, instrução e ensinamentos em

vários caminhos, ou seja, a escola, família, mídia e nas relações pessoais, pelos quais buscam os ideais de comunidade. Para Calligaris (2000), é a etapa mais complicada de vida do ser humano, pois mesmo que corpo e espírito estejam prontos biologicamente, o indivíduo ainda não tem o reconhecimento de ser adulto. Nesse período, o adolescente recebe os valores sociais considerados mais básicos.

A adolescência sob a ótica sociocultural apresenta-se como uma criação da sociedade, circundada pelas características do sistema de produção vivenciado. Existe uma necessidade de que o jovem se habilite enquanto indivíduo que se desenvolve e obtenha conhecimentos técnicos para operar no mercado de trabalho. O adolescente deve ter preparação para determinadas profissões e, portanto, necessita de orientações para assumir as novas responsabilidades que o desenvolvimento lhe confere. Nesse sentido, Bock (2004, p. 42) afirma:

A adolescência é socio-histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social [...]. Não há uma adolescência como possibilidade de ser; há uma adolescência como significado social.

Corroborando com este entendimento, ou seja, da existência da adolescência com significado social, a maturação do corpo não significa, necessariamente, maturidade. No ponto de vista de Calligaris (2000, p. 18), o adolescente vive um paradoxo de ser frustrado pela 'moratória imposta' e "pela idealização social da adolescência que lhe ordena que seja feliz. Se a adolescência é um ideal para todos, ele só pode ter a delicadeza de ser feliz ou fazer barulhentemente de conta".

Na adolescência a proporção dos problemas e dúvidas parece ser maior, mais intensa e profunda, pois o fato de o adolescente desejar ser reconhecido como sujeito adulto, mas ainda não é. De acordo com Preuschhoff (2003, p. 83), nesta etapa é comum surgir:

[...] de doenças psicossomáticas, distúrbios de alimentação, depressão, comportamento suicida, delinquência, abuso de substâncias, fugas e comportamento impulsivo, questionamentos relacionados à identidade. É um período turbulências, pois atinge o desenvolvimento psíquico, social e biológico, a adolescência é como se fosse um período de turbulências climáticas ou uma encruzilhada.

Além das doenças citadas acima, outro problema preocupante são as doenças

sexualmente transmissíveis (DST), haja vista que quanto mais cedo o adolescente iniciar sua vida sexual, mais cedo pode contrair doenças contagiosas pelo ato sexual desprevenido, como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), herpes e verrugas genitais. E ainda as contraídas por bactérias: gonorreia, sífilis e clamídia, embora a maior parte sabe dessas doenças, mas tem por hábito de pensar, como alguns adultos, que jamais vai contrair (BRASILEIRO; BRASILEIRO, 2001).

Em se tratando dos distúrbios de alimentação, os maus hábitos alimentares começam na infância e adentra na fase adolescente, período que o jovem demonstra grande preocupação com o corpo. Uma alternativa que pode mudar essa realidade é a educação nutricional, desenvolvendo um trabalho junto aos adolescentes enfatizando a importância da prática de bons hábitos alimentares no dia-a-dia. É assim que começará o efetivo trabalho de prevenção de doenças, distúrbios alimentares e a redução dos índices de anorexia e bulimia (ALVARENGA, 2003).

É também na adolescência que, na busca pela sua identidade, os jovens criam vários questionamentos, inclusive, sobre sua existência e sexualidade, portanto, discordam dos pais em relação a todos os valores, ideias e crenças. Parecem buscar algo novo para confrontar os conhecimentos recebidos na família. Avaliamos que esse comportamento expressa o medo do conflito e para evitar perguntas ou compartilhar ideias, o adolescente estabelece a distância e a falta de confiança.

O crescimento e o processo de entrada na vida adulta, na análise de Preuschoff (2003), caracterizam o período mais difícil e o jovem entrar em crise nesta etapa da vida não constitui uma surpresa inesperada. Conversa e apoio da família, amigos ou pessoas mais próximas do adolescente e com as quais tem empatia, contribui para minimizar os problemas.

Partindo-se da premissa que a adolescência é construída socialmente e atravessada, necessariamente, por aspectos culturais, históricos e econômicos, seria neste ponto do percurso que o indivíduo inicia um processo de formação de um plano de vida.

O adolescente sente a vida como uma totalidade e o tempo como um conjunto unitário e contínuo. Dessa vivência do tempo e da vida como duração permanente, o efeito é a necessidade e a potência do adolescente em se projetar no futuro e formular planos

de existência, ações e anseios pessoais e profissionais a serem contemplados e nesse sentido, de acordo com Santos (1996, p. 154):

A indústria cultural se apropria dos valores e atributos próprios desta fase da vida e contribui para criar uma cultura adolescente. Mudanças econômicas, familiares e culturais transformam a experiência de crescimento e a adolescência tornou-se um importante estágio na biografia individual [...].

Cultural ou socialmente, a sexualidade faz parte do cotidiano de cada indivíduo e está expressa nas coisas que sentimos, para que os adolescentes cresçam com informações concretas e, de forma clara, é, nesta fase, que precisam receber informações objetivas, porque estão carregados de conflitos gerados pelo processo de desenvolvimento (SANTROCK, 2014).

A adolescência na visão da naturalização liberal é tida como a fase “rebelde” da vida dos indivíduos, impregnada na imaginação social na qual os adolescentes são tratados e considerados seres conflituosos, rebeldes, com crises de identidade e pressões na sexualidade. Esse cenário leva muitos aspectos negativos a essa etapa da vida humana e os adolescentes são patologizados, e isso, sistematicamente, ocorreria com todos os indivíduos. Sem muita fundamentação, essa visão comum foi publicada e divulgada nas mídias, de forma que a sociedade e os próprios adolescentes acreditam ser um modelo ou padrão e no “âmbito da psicologia a “concepção naturalizante da adolescência é a visão mais adotada pelos profissionais [...]” (OZELLA, 2013, p. 5).

Para Aguiar, Bock e Ozella (2001), é criada, historicamente, pelo homem, como representação e como fato social e psicológico, isto é, uma construção social marcada por seu tempo e sua cultura. Neste sentido, devem ser considerados os diferentes percursos, economia, educação, sexualidade, entre outros. Para que os adolescentes constituam sujeitos, é preciso entender os processos e não os seriar em etapas. Com isso, o processo de adolecer caracteriza a busca destes sujeitos históricos via cultura da sociedade em que vivem.

O entendimento de não existir diferença entre os adolescentes do passado, de hoje e até os de amanhã mostra a tendência de professores e profissionais da educação em reproduzir questões típicas da adolescência como doença, sem entender os conflitos vivenciados. Isso mostra que não há entendimento para lidar com algumas situações e, sendo assim, quando necessário intervir se torna uma ação com pouco ou nenhum

efeito. A maioria reproduz o que é uma fase marcada, biologicamente, sem muitos efeitos de intervenção e quando não se sabe o que fazer, transfere as medidas para outras instituições que não a escola ou até mesmo para a medicalização (BOCK, 2004).

As intervenções dos profissionais da educação devem buscar compreender os vários processos que perpassam os adolescentes, no sentido de ajudá-los a entender sua própria vida e seu impacto na sociedade como cidadão de direitos e deveres, em busca de uma sociedade melhor para todos. Nessa perspectiva e considerando a amplitude do conceito de adolescência, a educação sexual seria a parte do processo educativo, especificamente, voltado à formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade.

2.2 JUVENTUDE, ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

Há uma tênue diferença entre juventude e adolescência. Para abordar aspectos da juventude, no artigo 'A escola "faz" as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil', Dayrell (2007, p. 3) afirma que: "o jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o das gerações anteriores". Essa colocação sugere que os sujeitos, são diversos, com características próprias, e podem ser ou não condicionados em muitos sentidos.

Mas, é importante frisar que é na passagem das fases de desenvolvimento que os jovens e adolescentes se deparam com diversos discursos relacionados à sexualidade, pontos de vista médico ou religioso que tendem dar uma interpretação equivocada da sexualidade, produzindo sujeitos reprimidos e neuróticos. O comportamento e as posições assumidas pelos seres humanos podem ser interpretados de diferentes maneiras no que tange às questões da sexualidade, nesse sentido, Lacadée (2011, p. 57) afirma:

Existe uma falta em todos nós que pode ser interpretada de várias formas: a falta do complexo de superioridade em todos; no homem ele nega, pois tem o pênis, nas mulheres essa falta vira numa constante pois a mesma é torada em vários campos de sua vida, na adolescência suas construções se tornam [...] solicitações simbólicas da morte na busca de limites, tentativas desajeitadas e dolorosas de se situar no mundo [...].

Corroborando este entendimento, Dayrell (2007, p. 7) complementa afirmando que além de todas essas questões, há entre os jovens a representação da imagem “masculina associada à virilidade e à coragem, reforçada na cultura popular, constituindo-se um valor que é perseguido por muitos e que, aliado à competição, cumpre uma função na construção da sociabilidade juvenil”.

Esta é uma questão de gênero masculino e feminino, na qual o homem é descrito como superior e a mulher submissa. Mas ao discorrer sobre como esse processo ocorre na vida adolescente, Lacadée (2011, p. 158) afirma que o “amor a que tinha acesso, até então naturalmente, por ser filho de seus pais, mostra-se então sob outra luz, cabendo-lhe a responsabilidade de inventá-lo em outro lugar[...]”.

Os jovens partem para a compreensão de que seus pais não são mais seus heróis, e passam por um período de luto, pois a queda dos pais é incontestável. Mas, Dayrell (2007, p. 9) alerta que, no processo de desenvolvimento, [...] “é cada vez mais difícil definir modelos na transição para a vida adulta. As trajetórias tendem a ser individualizadas, conformando os mais diferentes percursos nessa passagem”.

Muitos destes jovens não conseguem fazer essa passagem e acabam trocando essa falta por outras formas de substituição. Projeções são realizadas para sobreviver na realidade, o que está por trás são sempre realidades psíquicas, quando há fuga da realidade para o monstro de fantasia ocorrem então a neurose (LACADÉE, 2011).

A passagem da juventude para a adolescência para a maioria desses jovens, se mostra um labirinto que os obriga constante busca por meios de articular os “[...] princípios de realidade (que posso fazer?), do dever (que devo fazer?) e do querer (o que quero fazer?), colocando-os diante de encruzilhadas onde jogam a vida e o futuro” (PAIS, 2003, p. 11). Esse labirinto tem relação com várias questões, inclusive, com a sexualidade.

A sexualidade adolescente é objeto de várias visões, na maioria das vezes, tratada como meio de controlar os sujeitos e os mecanismos de controle são a forma de conter os indivíduos para que suprimam suas sexualidades e tornem o convívio social tolerável. Como descrito em “O Mal-Estar na Civilização”, de Freud (1996), as relações com os semelhantes como o que constitui a mais importante fonte de sofrimento para

o ser humano, pois, segundo Freud (1996, p. 90), quando se trata da felicidade humana, concebida como sentido de vida,

[...] constitui um problema de fundo psíquico, ancorado na capacidade de investimento libidinal do indivíduo. A noção de amor erótico, sensual, constitui a mais intensa forma de prazer que se possa experimentar e oferece a base e o modelo para outras formas de amar. No entanto, nunca nos sentimos tão fracos e desamparados quando amamos e tão infelizes ao perder o objeto amado ou o seu amor.

Essa quebra com o imaginário dos pais perfeitos faz com que os sujeitos se revelem. Estes sentimentos emergem de forma diferenciada em cada um, pode determinar as escolhas que o adolescente irá fazer durante a vida, caso isso não ocorra, pode até acarretar a psicose e questionar como o “adolescente lidará com isso; qual será sua margem de manobra entre os sobressaltos que surgem e a herança de sua infância; arriscará toda sua vida, saberá consentir com o sacrifício de uma parte de gozo que mostra em jogo? (LACADÉE, 2011, p. 28).

Como cada realidade psíquica é única em todo ser humano, o momento da libertação é de extrema importância para uma constituição saudável, as necessidades infantis criam marcas profundas nos adultos, a coerção precoce e nefasta na infância, os sintomas psíquicos são como hieróglifos e são símbolos únicos em cada mente. Existe uma analogia entre a religião e a neurose no sentido do amparo, pois a falta que lhes foi criada torna-os como filhos sem pai, há um desamparo social neste sentido e a religião vem como acalentadora, mas reprimindo (FREUD, 1913).

O homem tenta sobreviver na natureza. Quanto mais exploração, mais prejudicial é a vida. Existe um antagonismo entre pulsão e civilização: a pulsão torna o sujeito vivente e desejante; a civilização busca com todas as suas normas e discursos, tornar os indivíduos condicionados e meros espectadores da repressão (FREUD, 1913), complementando essa analogia, afirma:

Um outro ser humano [...] semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto de satisfação, o primeiro objeto hostil e também sua única força auxiliar. É por esse motivo que é em seus semelhantes que o ser humano aprende a se reconhecer (FREUD, 1913, p.438)

O ser humano vive em meio a uma sociedade marcada por tabus e preconceitos, que passam por momentos complexos e até conflitantes em seu processo de ruptura, associados à sexualidade, um tema tabu, em casa ou na escola. É preciso lembrar que

os pais são os primeiros e principais educadores de seus filhos, onde devem ser passada as primeiras informações sobre o desenvolvimento do corpo. A próxima abordagem discorre essa questão: a sexualidade.

2.3 SEXUALIDADE NO CONTEXTO GERAL E NA EDUCAÇÃO

O tema sexualidade é polêmico no âmbito geral e mais acentuado, quando direcionado à vertente escolar. Ao iniciar esta etapa da presente pesquisa, foi importante buscar o que se tem produzido e pesquisado sobre as principais temáticas que a envolvem, a fim de analisar os diálogos tecidos entre diversos pesquisadores do país, afinal

[...] Na verdade, o que queremos é propor a ideia de que o pesquisador pretende ser aquele que recebe e que acolhe o estranho. Abandona seu território, desloca-se em direção ao país do outro, para construir uma determinada escuta da alteridade, e poder traduzi-la e transmiti-la (AMORIM, 2004, p. 26, grifo nosso).

Estudar as pesquisas produzidas mais recentemente é fundamental para buscar entender os outros olhares acerca da temática da sexualidade. Para nossa pesquisa, no campo das ciências humanas e sociais, as respostas não chegam de maneira limitada e sim com diversas variações. Aprender com essas respostas é corpo, como extremamente enriquecedor para a pesquisa. Em busca de dialogar com outras pesquisas, foi realizado um levantamento utilizando o Catálogo de Teses e Dissertações, disponibilizadas no Repositório da UFES, que possibilitou filtrar uma pesquisa, baseada na temática sexualidade, que apresentou 1.256 pesquisas. A busca filtrada para as produções apontou 218 publicações. Ao analisar os títulos e resumos encontrados foi necessário definir uma linha de corte tomando como base os últimos sete anos, visando identificar pesquisas que estivessem correlacionada à proposta, no entanto, os resultados foram nulos, nenhum trabalho detectado. Para desenvolver a correlação, ainda que parcialmente, foram selecionados nove trabalhos

com foco na sexualidade, adolescência, juventude, cotidiano escolar, currículo e como mostra a Figura 1.

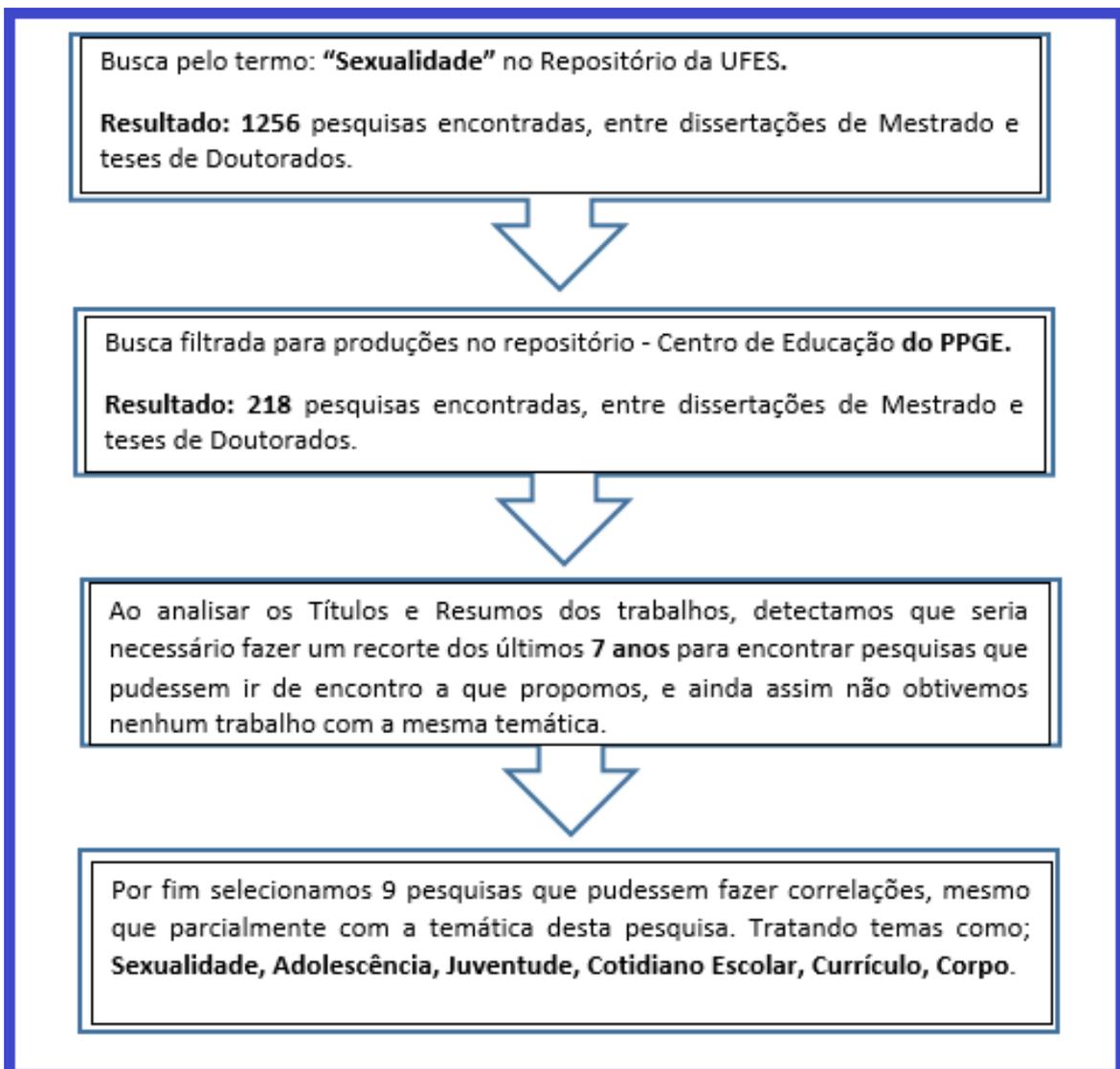


Figura 1 - Procedimentos de busca por pesquisas recentes na área
Fonte: <http://repositorio.ufes.br/> acesso em 31/10/2019 as 13:18

Na primeira pesquisa intitulada Os Movimentos das Professoras da Educação Básica do Espírito Santo em Face às Políticas Públicas de Gênero para a Educação, Silva e Ferreira (2018) que teve como objetivo geral analisar os movimentos de um grupo de professoras na constituição das políticas de gênero para a educação e também o seu exercício de implantação no interior das escolas de educação básica do Espírito Santo, buscando analisar a natureza dessas ações, trazendo a visão das professoras que participaram do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE), proposto pela UFES E UAB (Universidade Aberta do Brasil). O estudo conclui que o avanço das políticas públicas, no período estudado (2012 a 2014), e o agir das professoras, seja

de forma otimista-articulada, seja silenciosa-individual, indicam estar ocorrendo um movimento pedagógico de gênero nas escolas que, apesar de emergir de uma empatia dessas professoras em relação ao tema, foi potencializado pela política pública do curso GDE, importante ressaltar que também realizei este curso nessa mesma época.

Em seguida analisamos o trabalho *Os Entrelaçamentos das Vidas/Corpos nos cotidianos Escolares: A Formação Continuada de Professores/as com a Diferença*, de autoria de Amorim (2017). Pretendeu-se com a pesquisa, problematizar os processos de formação continuada de professores/as com a diferença, a partir dos currículos tecidos com as vidas/corpos que habitam e pulsam, em sua multiplicidade, nos cotidianos escolares, utilizou-se a perspectiva de problematização foucaultiana propondo pensar, refletir e futurar o discurso hegemônico e dominante para romper com a ideia de currículo único e de formação única. Teve como pressupostos metodológicos a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, movimentada a partir das redes de conversações assumidas como potência da ação coletiva na escola e como possibilidade de pensar junto aos sujeitos praticantes os movimentos de formação continuada e, nesse direcionamento, as pulsações curriculares com as quais professores/as e estudantes tecem os saberes e fazeres. A aposta da tese, na dimensão conversacional, como indissociável dos processos de produção de conhecimentos, indicou que os entrelaçamentos das vidas/corpos nos cotidianos escolares potencializam a formação continuada de professores/as na perspectiva da diferença.

A terceira pesquisa lida foi *Meninos Não Choram? Um Estudo Sobre Fracasso Escolar e Jovens Masculinidades no Ensino Médio*, de Rodriguez (2014), investigou informações sobre o fracasso escolar, seja quanto à repetência ou ao abandono, considerando o sexo masculino como foco, o que possibilitou um olhar mais sensível a esse problema em nossa sociedade ampliando a reflexão sobre o quanto há para ser feito em relação ao ensino médio, pois, na medida em que se propõe a universalização do ensino fundamental, pouco tem se implementado para garantir a continuação dos estudos a fim de que os alunos concluam a educação básica. Assim, partindo de estudos e dados estatísticos que indicavam que os meninos tendem a fracassarem na escola, consideramos que seria possível supor que os significados

atribuídos por esses jovens a evasão possam estar relacionados ao seu tornar-se homem.

A partir das informações obtidas nas entrevistas e no grupo focal, podemos inferir que a questão da masculinidade influencia a evasão escolar destes meninos, uma vez que se relaciona, dentre outros com o aspecto da independência, da responsabilidade e da resistência ao modelo adotado pela escola atual, na qual se espera que os sujeitos sejam vistos apenas como aluno, sendo esquecido o fato de serem jovens.

Na quarta pesquisa encontrada nomeada *Devires em Cor: Movimentos de Vida Pintados em Cenas Cotidianas das Escolas*, desenvolvida por Gomes (2014). A pesquisa em questão problematizou processos educacionais vividos com os cotidianos de escolas públicas de ensino fundamental e médio da rede estadual do Espírito Santo, localizadas no município de Vitória, assumindo o ensino de arte como potência para a invenção de outros sentidos de conhecimento e, em particular, de currículo escolar em suas relações com questões de sexualidade e gênero e raça e cultura e inclusão. Assumiu a noção de conhecimento como redes de afectos, perceptos e conceptos tecidas nos diferentes espaços tempos das instituições pesquisadas, envolvendo relações de poder-saber e desejando, sempre que possível, ampliar as possibilidades de se viver a diferença na/da/com as vidas dos sujeitos que praticavam os cotidianos das referidas instituições. Considerou o currículo escolar em sua realização no plano da imanência, a partir dos usos feitos dos textos prescritos oficiais ao mesmo tempo em que problematizou a visão que o reduzia ao texto prescritivo, com seus programas e projetos instituídos. Valeu-se da cartografia como atitude de pesquisa para acompanhamento de processos que se singularizaram nas práticas pedagógicas, visando criar diferentes possibilidades de se relacionar com os acontecimentos, a partir do incentivo a uma postura ética pautada em uma estética da diferença. Buscou desconstruir uma dada forma padrão de escrita, rasurando alguns sentidos tradicionais do texto acadêmico e, ao mesmo tempo, valeu-se da possibilidade de fazer a linguagem da escola gaguejar. Ousou experimentar uma escrita aos fragmentos, poética e sensível, na composição de diferentes platôs sem, com isso, perder o rigor acadêmico exigido para a realização de uma tese de doutorado. Buscou provocar a invenção de novos modos de se experimentar a pesquisa acadêmica, envolvendo-a em matizes de cores-sabores de nuances

ilimitadas, que oportunizaram trocas de sentidos-sentidos, potencializando uma estética da existência para uma vida bonita que pudesse provocar movimentos nas escolas de desconstrução de imagens-clichê e, assim, inventar outros mundos possíveis, mais plurais e belos.

Analisamos também o trabalho (Trans) Pensando a Educação Social: Os Sentidos de Ser (Trans) Educadora Social, de Bravin (2016), que descreveu, compreensivamente, os sentidos de ser (trans) educadora social. A educação ocorre em diversas situações e de variadas maneiras e, por isso, a população excluída encontra, em espaços diferentes da escola, práticas e ações que, de alguma forma, contribuem para o enfrentamento das desigualdades. Esses movimentos pedagógicos estão inseridos na pedagogia social que é uma ciência que tem como foco a promoção da educabilidade de pessoas e grupos que se encontram em condição de desigualdade. Nesse sentido, a população trans, em muitas situações, sofre com a rejeição familiar e comunitária, transformando a rua em destino e local privilegiado para construção de suas identidades e bandeiras de resistência, em uma sociedade que as impede de ter acesso aos direitos sociais mais básicos.

Para construção deste trabalho, foi adotada a perspectiva qualitativa e utilizado como inspiração o método fenomenológico-existencial, tendo como referência teórica as contribuições de Paulo Freire. A captura dos dados aconteceu a partir da história oral e de vida que estimou a realização de três entrevistas não-diretivas possibilitando a livre expressão de uma trans educadora selecionada sobre seus modos de ser. O Ser (trans) educadora social está intimamente ligado ao compromisso com a dignidade de seus pares, da família e de colegas que também experimentaram a exclusão na escola. Ser (trans) educadora social se desvela no apego à fé, quando o único destino é a rua onde o medo é uma sensação muito presente.

O Ser (trans) educadora social produz uma pedagogia do aprender com as cicatrizes das travestis mais experientes, na produção do corpo e na construção propostas e projetos que levem cidadania e alegria a essa população. O Ser (trans) educadora social está envolvido no resistir à desumanização promovida pelas drogas, pela prostituição, pelas relações com aliciadores e cafetões e por um modelo educacional que não aceita as diferenças e impõe a evasão. Ser (trans) educadora social é, fundamentalmente, construir uma educação no chão da rua, firmada em ser-com-o-

outro, adaptada à realidade vivida pela população trans e que busca o ser mais, transformando as rebeldias cotidianas em ações revolucionárias.

Como sexta pesquisa encontrada, lemos Educação Bicha, de autoria de Zamboni (2016). Uma série de breves ensaios visa construir a bicha como uma personagem conceitual, para que se possa propor uma educação bicha. Os ensaios movimentam-se no sentido de fazer a bicha escapar à lógica identitária da representação, hegemônica nos movimentos de diversidade sexual. A filosofia da diferença de Gilles Deleuze funciona como um suporte para operar uma esquizoanálise da bicha, que é abordada como devir e como analisador que possibilita pensar diferentemente. Apresenta-se o confronto da bicha com as personagens homossexual, gay e queer, construídas coletivamente. Foca-se o combate à bicha durante a emergência da figura do gay no Brasil do final da década de 1970. Neste momento, o conflito se instaurou nos planos acadêmico-científico, onde o conceito de bicha é preterido em relação ao de homossexual ou gay, e político-cultural, de modo que os primeiros grupos homossexuais organizados no Brasil começam o ataque à bicha como estereótipo e preconceito. O percurso do pensamento onde a bicha se inscreve e se desenvolve, concentrando-se nos anos 1980, é traçado em torno das obras de Peter Fry, Néstor Perlongher, Herbert Daniel, Madame Satã e Waldo Motta. Promovem-se interferências nos conceitos de sexualidade e gênero. Propõe-se a produção da bicha por meio da interpelação como agenciamento de desidentificação. A produção histórica da travesti brasileira como bicha prostituinte é discutida tendo como referência a batalha nas ruas feita escola da vida, ou seja, territórios coletivos de trabalho sexual onde acontece a formação da travesti pelo trabalho. Trata-se das tensões ou problemas constituintes da experiência travesti, recusando a perspectiva de uma compreensão coerente e lógica. Apresentam-se os anti-princípios que marcam o percurso da pesquisa. Encerra-se a tese com um pequeno conjunto de narrativas que problematizam as práticas educacionais a partir da bicha.

No sétimo texto encontrado: Sexualidade e Cotidianos Escolares: Entre MovimentoImagensNarrativas Curriculares Transbordantes, desenvolvida por Delmondes (2018). Trata-se de uma escrita-ensaio-em-platôs, oriunda das experiências de Larrosa (2015), (com)partilhada com diferentes praticantes aventureiras discentes e docentes, da rede pública municipal de Guarapari,

ocorrida em diversos espaços e tempos de produção de conhecimentos como a escola, a praia, o Morro da Pescaria e as formações docentes. Ressaltamos as práticas políticas vividas e experienciadas nas redes de currículos e formações (FERRAÇO; GOMES, 2013), no dentro e fora (ALVES, 2013) das escolas, problematizando a temática sexualidade (FOUCAULT, 2015) como uma outra possibilidade de tecer fios e sentidos outros, que potencializam os currículos, a partir das múltiplas formas de sexualidades transbordantes. Essa escrita-ensaio-em-platô ao delinear sobre as sexualidades como composições dos currículos vividos, praticados e rizomáticos, assume como perspectiva de continuação dos estudos futuros, as amizades, como forças subversivas que potencializam as múltiplas sexualidades transbordantes dos currículos.

Para a oitava pesquisa analisamos: Des-atando os nós: a violência sexual na internet nos sentidos atribuídos pelos jovens, de Favero (2009). A frequência de divulgação dos eventos relacionados à violência sexual na mídia, tanto do uso de imagens e vídeos infantis ou juvenis para fins de pornografia, bem como as notícias de aliciamento de crianças e jovens, o envolvimento consentido de adolescentes com adultos para fins sexuais, iniciado a partir da Internet, e todas as outras formas de violência sexual contra crianças e adolescentes na Internet estão, a cada momento, mais aparentes. A partir dessa realidade, os objetivos desse trabalho são: ouvir os jovens sobre os sentidos que eles atribuem à violência sexual, em especial, àquela que se apresenta na Internet; além de questionar se é possível que, por meio das relações estabelecidas pelos jovens, seja através dos recursos da Rede, seja por meio dos relacionamentos estabelecidos presencialmente, construam-se práticas das quais a educação possa dispor para o enfrentamento ou a prevenção da violência sexual. Essa pesquisa tem inspiração fenomenológica e utiliza a técnica de grupo de foco para a obtenção do material de estudo. O grupo foi formado com jovens da Educação Profissional de Nível Médio, para reflexão, questionamento, levantamento das opiniões e relato das vivências da referida temática. Numa instituição escolar, como o Ifes, o conhecimento e a técnica são muito importantes e valorizados pelos alunos, para suas futuras atuações profissionais, porém, essa certeza não impede os jovens de entenderem a escola como muito mais do que apenas o lugar da técnica. As transformações tecnológicas geram mudanças ocasionadas principalmente pelas modificações nas relações e, a Internet serve aos jovens, tanto cotidianamente para

usos de pesquisa e lazer, quanto como recurso para se iniciar, manter ou aprofundar relações pelos recursos da própria Rede. Ficam apontamentos da possibilidade de construírem-se relações de aprendizagem que incluam uma existência mais ética, porém, não sem sabor e alegria; e mais religiosa, num retorno aos nossos sentimentos comuns e numa espiritualidade que religue a nós mesmos e aos que nos cercam (KIERKEGAARD, 1859/1986). Algumas possibilidades são: investir na criação de redes de apoio e cooperação entre esses jovens, comunidades virtuais mediadas pelos docentes e pelos próprios jovens, local para discussão de temáticas específicas levantadas pelos jovens em listas de discussões ou sites de relacionamentos, entre outros recursos nos quais a metodologia de utilização seja construída junto aos jovens em suas atribuições de sentidos.

No último trabalho lido com o título: Tipo assim... Ser aluno adolescente no IFES campus Colatina: sentimentos e impressões, pesquisa de Ferrari (2013). Esta dissertação tem por objetivo apresentar, a partir da perspectiva dos discentes, o que é ser aluno adolescente no IFES, quais são os sentimentos acerca de si, dos pares, da família e como acontecem as relações professor/aluno/objeto de conhecimento. O referencial teórico adotado baseou-se nos estudos de Vigotski e Wallon, que enfatizam a perspectiva histórico-cultural e consideram que as dimensões afetivas e cognitivas se entrelaçam no indivíduo. A metodologia utilizada foi estudo de casos, inserida no âmbito da abordagem qualitativa da pesquisa. A coleta de dados deu-se por meio de análise documental e entrevistas individuais com vinte alunos adolescentes na faixa etária de 14 a 18 anos, matriculados no Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio do IFES Campus Colatina-ES. A análise, por sua vez, constituiu-se no agrupamento de categorias temáticas, a saber: professores e práticas pedagógicas, sentimentos acerca de si, relacionamento com os pares, relacionamento com a família e sobre ser aluno do IFES. Os resultados apontaram para a importância em perceber o adolescente como uma pessoa que se constitui através da sua relação com o outro e ao fato de que a qualidade dessa relação afeta tanto à sua dimensão afetiva quanto à sua dimensão cognitiva, interferindo na escola, no seu rendimento e no seu relacionamento com os demais, de acordo como cada sujeito recebe e reage às situações cotidianas. Apontam também para a necessidade de o educador conhecer as características específicas dessa faixa etária, buscando diferentes metodologias para despertar interesse no aluno pelo objeto de

conhecimento. Nesse estudo, ficou evidente o quanto os alunos adolescentes necessitam de alguém para ouvi-los, para saber quem eles são, o que os afetou/afeta e como suas experiências de vida contribuíram/contribuem para a constituição da sua pessoa.

Levando em consideração a importância da temática sexualidade, o número de pesquisas encontrados foi abaixo do esperado e apesar dos recortes das pesquisas serem diferenciados do proposto por esta, todas puderam, de alguma forma, contribuir para uma análise de que muito ainda precisa ser discutido acerca da temática sexualidade e escola, analisamos como abaixo do esperado o número de pesquisas encontradas e com um intervalo grande de tempo entre uma e outra, contudo para nós pesquisadores construir um debate permite “entrar em articulação com outros sujeitos que também passam a contribuir com o processo de construção do conhecimento” (SILVA E SILVA, 2006, p. 127-128). Para assim respaldarmos a importância de pesquisas deste tipo na área da educação.

Conhecer a sexualidade é compreender as representações e significados das experiências sexuais em diferentes tempos e lugares, pois ela faz parte da história, ciência e cultura e seus elementos marcantes são os “afetos, sentimentos, valores, preconceitos, imagens, tabus, mitos, expressos com singularidade em cada sujeito, mas construída histórica, cultural e socialmente” (RECHIA, 2005, p 18).

Trabalhar a sexualidade na escola não é incitar o adolescente à prática sexual. A falta de informação, a desconversa, a fuga do assunto e a falta de abordagem esclarecedora estimulam a curiosidade, deixam espaços em brancos que a criança vá buscar preencher de alguma forma. Buscando “proteger o adolescente do mundo real, o adulto comete o equívoco de esconder a própria vida, além do mais a sexualidade está nas ruas, nas novelas, filmes, revistas, em casa, em todo lugar e espaço” (FOUCAULT, 2014, p. 29).

A liberdade de acesso à informação devido os recursos tecnológicos, filmes infantis com apelo singular de sexualidade, conversas informais sem limite verbal é o princípio do interesse da criança em sexo. Sobre a influência da mídia na questão criança e sexualidade, os Parametros Curriculares Nacionais - PCNs (1997, p. 77) destacam que são muitas as fontes:

[...] livros, da escola, de pessoas que não pertencem a sua família e, principalmente, nos dias de hoje, da mídia. Essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos. A TV veicula propaganda, filmes e novelas intensamente erotizados. Isso gera excitação e um incremento na ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais da criança. Há programas jornalísticos/científicos e campanhas de prevenção à AIDS que enfocam a sexualidade, veiculando informações dirigidas a um público adulto. As crianças também os assistem, mas não podem compreender por completo o significado dessas mensagens e muitas vezes constroem conceitos e explicações errôneas e fantasiosas sobre a sexualidade.

Muitos questionamentos ainda cerceiam o tema sexualidade, orientação sexual e escola, pois predomina o entendimento de que a escola não é o espaço para trabalhar essa temática. Entretanto, engana-se quem pensa que a discussão acerca da orientação sexual na escola seja uma abordagem nova. Por volta do início do século XX já se debatia essa questão e segundo César (2009, p. 3).

Considerando que política nacional de educação propõe que a sexualidade seja discutida e repassada aos alunos como orientação sexual, há necessidade de proporcionar aos alunos um espaço onde possam esclarecer suas dúvidas, formular novidades que auxiliem e contribuam na avaliação da ansiedade e curiosidade sobre sexo e sexualidade. Pois como afirma Schindhelm (2011, p. 9), “a escola é um palco onde as crianças e a equipe pedagógica exibem peculiares formas de vivenciar suas sexualidades porque cada um vive as experiências e os eventos cotidianos e coetâneos de uma forma própria e bastante singular”.

A sexualidade é um tema estudado sob várias frentes e apresenta subtemas que correlacionam entre si, por exemplo, homossexualidade, discussão no ambiente, inseridos na grade curricular como tema transversal. Nessa perspectiva, é importante destacar como essa questão é tratada no ambiente escolar, ou seja, a educação sexual.

A educação sexual contribui para a construção objetiva de conhecimentos e valores em relação a vida sexual, é necessária para a formação de personalidade. Quando se fala em educação sexual, tem-se uma questão contemporânea e que na esfera social tem como protagonistas diferentes segmentos, tais como, a Igreja Católica, classes políticas, pais, professores e escolas, movimentos de grupos que de alguma maneira adotou a sexualidade como tema de intervenção (RODRIGUES; WECHSLER, 2014).

A questão da sexualidade infantil não é tratada apenas nos estudos e pesquisas desenvolvidas por Freud ou psicólogos. Esse tema faz parte do cenário educacional, está presente na sala de aula, quando a grade curricular a insere na proposta de orientação sexual. Desta forma, Ribeiro (1993, p. 22) enfatiza que a sexualidade no prisma da infância é um processo ininterrupto que começa no útero “da mãe e que termina com a morte; através dela formamos a nossa opinião, desfazendo-nos de coisas que ficaram superadas dentro de nós e, ao mesmo tempo, transformando nosso pensamento”.

No âmbito escolar brasileiro, os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que essa questão somente exposta em “portas de banheiros, muros e paredes, invade a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula (BRASIL, 1997, p. 78). O que salienta, o fator inerente da sexualidade ser parte da vida humana e seus desdobramentos perpassam todas as fases da vida.

Os PCNs apontam como indícios da sexualidade nas crianças, as carícias no próprio corpo, curiosidade sobre o corpo do outro nas brincadeiras entre colegas, piadas, músicas que abordam sexualidade, perguntas sobre sexo, gestos, atitudes e manifestação da sexualidade adulta. Em casa, em função das manifestações pelos próprios valores, posturas ou no desejo da criança. Na escola, pelas mesmas manifestações, mas como instituição deve se posicionar de uma forma clara e conscientemente sobre os limites e as referências trabalhadas expressões da sexualidade e eliminar as dúvidas apresentadas adolescentes (BRASIL, 2000).

Na política brasileira, a inserção da educação sexual para ser trabalhada, em sala de aula, teve como fator “o deslocamento no campo discursivo a respeito da sexualidade de crianças e adolescentes” (ALTMANN, 2001, p. 3). Na educação nacional, a abordagem da sexualidade na escolar está inserida nos Temas Transversais, cujo propósito é orientar a prática do sexo seguro, enfatizando os pressupostos médicos.

Não é feita uma abordagem mais profunda que discorra sobre o conhecer o corpo e os prazeres que causa, nada que, por ventura, possa interferir ou induzir a formação de uma identidade sexual. Em síntese, a discussão nos Parâmetros Curriculares Nacionais pauta-se na “[...] expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais - genitais e extragenitais” (BRASIL, 2000, p.

117).

Um aspecto importante nessa questão é a prática pedagógica em sala de aula. Ao longo dos anos, o ser humano foi se transformando e mudanças comportamentais foram observadas a cada fase social e cultural e, em conformidade com as relações que foram estabelecidas em termos políticos, econômicos, pessoais e educacionais.

Temas considerados tabus adquiriram uma nova concepção nas discussões, por exemplo, a sexualidade, sexo, homossexualidade. Entretanto, mesmo evidentes na atualidade, os professores encontram dificuldade em abordar o assunto em sala de aula e justificam o problema alegando falta de conhecimento e informações ou insegurança e em função disto, escolhem discutir ou manter-se fora do problema e/ou trabalhando-o de forma superficial.

Regras e mudanças são estabelecidas para a abordagem da sexualidade em sala de aula e “a liberdade de trabalhar o tema é limitada, os professores devem ser desprovidos de preconceitos e discriminações e valorizem a diversidade para que o trabalho repercuta positivamente na sociedade, dentro e fora da escola” (NOVAK, 2013, p. 11).

Analisar as possibilidades e alternativas de ensino da sexualidade em sala de aula é um dos pontos de partida para a criação de estratégias pedagógicas que auxiliem na qualificação da prática docente.

A prática pedagógica ainda se depara com velho problema que é a formação continua do professor, o que pode interferir na atuação em sala de aula no que tange a educação sexual. De acordo com Maia (2009), nas escolas brasileiras as práticas pedagógicas mantêm a tendência tradicional, com nuances conservadoras e isso interfere e cria barreiras para o debate e discussão de diferentes vivências e circunstâncias que relacionadas aos adolescentes, às crianças.

Em 2017, o governo brasileiro retirou as palavras gênero e orientação sexual do documento Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e entregou a proposta final do Conselho Nacional de Educação (CNE), substituindo-as por "erradicação de todas as formas de discriminação", sem identificar e/ou apontar de forma clara quais seriam as formas de discriminação. As principais mudanças relacionadas à eliminação as

palavras do documento educacional podem ser observadas no Quadro 1:

<p>Página 14 - artigo 16: os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo". (Grifo do documento)</p>
<p>Página 19: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer. Qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer. (Grifo do documento)</p>
<p>Página 301: Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseados nas diferenças, de sexo, de identidade de gênero e de orientação sexual. (Grifo do documento)</p>

Quadro 1: Palavras retiradas do BNCC

Fonte: Nova Escola (2017)

O Princípio de Yogyakarta, documento que resultou de conferência realizada na Indonésia, pela coalizão de organismos internacionais, realizada pela Comissão Internacional de Juristas e o Serviço Internacional de Direitos Humano, em 2006, define orientação sexual e identidade de gênero:

Orientação sexual: capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais [...];

Identidade de gênero: experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo e outras expressões de gênero, vestimenta, modo de falar e maneirismos.

As mudanças propostas pelo atual governo representam um retrocesso no avanço curricular das escolas brasileiras, a fragmentação dos currículos proposta na Reforma do Ensino Médio desconsidera também a importância das diferentes áreas de conhecimento na formação plena da população, principalmente na área de ciências humanas e sociais desconsiderando sua importância para que o estudante compreenda o seu papel social e as dinâmicas da vida em sociedade, bem como o das relações entre os diferentes grupos que compõem a sociedade.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento da pesquisa teve como base de produção textual a revisão bibliográfica, por ser essencial em pesquisas científicas-acadêmicas e por facilitar o acesso aos conhecimentos teórico-empíricos, que sustentam esta proposta. Há necessidade de o pesquisador aplicar as medidas inerentes à coleta bibliográfica de trabalhos relacionados ao tema investigado, que norteiem a produção do texto e, segundo Silva (2008, p. 3), a partir do “maior número possível de material bibliográfico publicado; manter a atenção em trabalhos associados ao tema, ampliar a pesquisa, usar livros técnico-científicos outras fontes de informação”.

Os procedimentos metodológicos aplicados consistiram em pesquisa bibliográfica, no sentido de buscar informações sobre sexualidade e escola de modo a desenvolver uma reflexão a partir de diferentes concepções teóricas e pesquisa de campo no sentido de identificar a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre adolescência e sexualidade. A pesquisa bibliográfica é a base para a fundamentação teórica, pois de acordo com Gil (2010, p. 48) “é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado, livros, revistas, jornais, redes eletrônicas”.

Articulada a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida uma pesquisa de campo envolvendo 12 participantes com idade entre 15 e 18 anos, matriculados na EEEFM “Serra⁴”, e alunos das turmas nas quais lecionei durante o primeiro semestre do ano letivo de 2018, apresentei as 18 turmas em que era professor da disciplina de Sociologia meu projeto de pesquisa da dissertação e após reiteradas conversas com a equipe de professores foram selecionados 12 estudantes que dentre um universo de 720 estudantes, demonstraram interesse em participar e se mostraram desprendidos ao falar sobre sexualidade, homossexualidade. Os 708 estudantes que não participaram foram envolvidos na temática através das aulas de sociologia nas quais lecionei.

A pesquisa de campo foi realizada na EEEFM “Serra”, localizada na região metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo. A opção por essa instituição de ensino se deu em razão de minha atuação profissional na instituição como professor

⁴ Utilizaremos nome fictício para nomear o *lôcus* da pesquisa, uma vez que os participantes são menores de idade.

efetivo da disciplina de sociologia, durante o desenvolvimento desta pesquisa, bons relacionamentos com alunos e disponibilidade e flexibilidade da escola e do alunado em participar desta proposta, uma vez que ao trabalhar a temática nas aulas de sociologia, tive bastante questionamentos e envolvimento dos estudantes. Aos sujeitos de investigação foram apresentados esclarecimentos e informações sobre a temática e seus objetivos que despertou o interesse de parte dos estudantes. Por questões de organização, objetivou-se a escolha dos participantes, a partir de conversas entre o pesquisador e os professores da área de humanas e biologia, que já haviam trabalhado, ainda que minimamente, a temática sexualidade em suas aulas. Para um melhor desenvolvimento da pesquisa, as discussões nos grupos focais foram gravadas em áudio para posterior análise e transcrição. O pesquisador se comprometeu a resguardar a identidade dos sujeitos durante todas as fases da pesquisa e após publicação.

O contato com os alunos foi mantido durante quatro semanas consecutivas, no laboratório de ciências da escola, por um período de 50 a 55 minutos, no qual foram debatidos os assuntos levantados nos grupos focais, sempre por uma questão disparadora e após algumas respostas, outras questões eram levantadas e debatidas pelos participantes, com pouca interferência do pesquisador.

A delimitação partiu dos objetivos definidos, e entendendo que a pesquisa não poderia ter apenas um aluno do ensino médio. Assim, para torná-la mais abrangente, a amostra foi delimitada em 12 sujeitos. Esta delimitação atendeu a critérios de saturação, haja vista que em dados momentos, as informações se tornaram repetitivas, sinalizando para o pesquisador o término do trabalho de campo (MINAYO, 2014).

Para a coleta de dados, foi utilizado um roteiro de temas, selecionados pelo pesquisador e sugeridos no decorrer dos encontros para a criação dos debates no grupo focal com objetivo de identificar o nível de conhecimento e, então, contemplar os objetivos definidos responder ao problema de pesquisa. As discussões tiveram como eixo a temática adolescência; transformações no corpo, órgãos genitais; homossexualidade; religião e sexualidade; conversa em família sobre sexualidade; sexo, sexualidade e sociedade e sexualidade na escola.

Na definição de Gatti (2005, p. 11), o Grupo Focal,

Permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais e práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma questão, relevantes para ao estudo do problema visado.

Foram realizados quatro encontros de grupos focais na instituição de ensino, nos meses de junho e julho de 2019, com o objetivo de aprofundar e analisar as discussões. Com a proposta de preservar a identidade, os alunos foram identificados como E1, E2, E3 e assim por diante. Para otimizar a realização, a forma preferencial de disponibilização dos alunos em sala de aula foi em U ou em círculo, de maneira bem despojada, como mostra a Figura 2.



Figura 2: Registro de Grupo Focal
Fonte: Acervo do Pesquisador

No primeiro encontro, ocorrido em 15/06/2019, no laboratório de ciências das escola, foi explicado aos participantes o objetivo da pesquisa, o formato dos encontros, bem como todos se apresentaram dizendo o nome e qual série estavam frequentando. Foi distribuído a todos uma folha A4 e pedido que dividissem uma folha com um traço em

dois lados e escrevessem palavras que viessem a cabeça relacionadas ao que é ser homem e mulher, após alguns minutos retiramos algumas palavras que eles escreveram:

Homem: Egoísta, Egocêntrico, Autoritário, Força, Proativo, Força Bruta, Honra, Protetor, Calma, Sentimentalista (Durão por fora), Rústico, Leal, Forte, Barba, Pai, Fechado, Grosso, Trabalhador, Agressivo, Boa Índole, Corajoso, Macho, Sensível, Sensual, Independente, Dependente, Preguiçoso em casa, Pagar as contas, Vaidoso, Xinga Muito, Mulherengo.

Mulher: Carinhosa, Orgulho, Emotiva, Organização, Compromisso, Proativa, Submissa, Cuidosa, Criativa, Sentimental, Sensível, Habilidade, Guerreira, Habilidade, Vitimista, Delicada, Protetora, Sensual, Graciosa, Dependente, Frágil, Vaidosa, Dona de Casa, Cuida dos Filhos, Recatada, Calma, Tranquila, Cuida da Família, Segue Padrões.

Após o selecionar algumas palavras e escrevê-las no quadro branco para que se fomentasse as discussões, o pesquisador fez as seguintes perguntas: Vamos elencar o que é sexualidade? E o que é sexo? Os participantes foram elencando situações e problematizando a escolha das palavras bem como discutindo o motivo da escolha dos termos, possibilitando reflexões diversas.

No segundo encontro os participantes receberam folhas A4 e lápis coloridos para que expusessem em forma de desenhos, o que representa para cada um a adolescência, e durante a discussão da temática, os desenhos foram sendo produzidos, contando também com gravação do áudio, na qual os alunos expõem suas opiniões sobre o conceito, como concebem e como se posicionam acerca da adolescência, quais problemas são mais evidentes nessa etapa de suas vidas, enfim, trocam ideias entre si, este, no dia 18/06/2019, com duração de 50 a 55 minutos.

No terceiro encontro: discussão sobre sexualidade, desejos, necessidades, como o adolescente vê essa questão no relacionamento familiar (pai, mãe, irmãos) e na escola, como o assunto é abordado pelos professores e como a questão é direcionada em sala de aula: se apenas em conformidade do currículo ou com uma abordagem

mais aberta. O objetivo foi identificar como alunos e professores discutem esse tema que leva a outra questão importante junto aos jovens: a homossexualidade. O encontro foi realizado no dia 26/06/2019, com duração de 50 a 55 minutos.

No quarto e último encontro; o pesquisador retomou alguns dos temas tratados pelos estudantes durante os três últimos tais como: Adolescência, Transformações no Corpo e Orgãos Genitais, Homossexualidade, Religião e Sexualidade, Sexualidade, Conversa sobre sexo e sexualidade em família, Sexo, Sexualidade e Sociedade, Sexualidade na Escola, o pesquisador fez um agradecimento a todos os estudantes e o fechamento das discussões. O encontro foi realizado no dia 03/07/2019, com duração de 50 a 55 minutos.

Os dados produzidos foram analisados utilizando como método de tratamento a abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2008, p. 22), trabalha com “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos, que não reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A abordagem qualitativa possibilita ao pesquisador analisar representações e percepção de opiniões, através de discernimento de vivência, assimilação individual e sentimento, por envolver dados descritivos a partir do contato direto do pesquisador com a situação estudada, com ênfase no processo (MINAYO, 2010).

Por ser uma pesquisa exploratória, com análise qualitativa, predominantemente, os dados produzidos foram descritivos e trabalhados com ideias, hábitos, atitudes e opiniões. O objetivo principal é que, a partir da compreensão dos dados, com suas informações e percepções, explicitando o contexto e as experiências de cada sujeito, foi possível analisar e refletir a realidade descrita pelos alunos. Neste sentido os pesquisados são elementos chave da pesquisa.

Em se tratando das questões éticas, considerou-se a possibilidade de riscos e desconfortos relacionado a algumas questões e informações pessoais sobre o comportamento sexual dos sujeitos, ao longo do processo de realização dos grupos focais, compartilhadas que geraram pequeno constrangimento, mas sem causar nenhum dano que afetasse e/ou denegrisse a imagem dos participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica ressaltam a necessidade de trabalhar o tema sexualidade transversalmente à base comum curricular, ou seja, aquilo que emana do interior cultural desses jovens, que é próprio de seu tempo e espaço. Nesse sentido, antes da apresentação dos resultados e discussão das informações coletadas, é importante destacar que na perspectiva do Ministério da Educação e Cultura (2013, p. 32)

A parte diversificada enriquece e complementa a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar. Perpassa todos os tempos e espaços curriculares constituintes do Ensino Fundamental e do Médio, independentemente do ciclo da vida no qual os sujeitos tenham acesso à escola. É organizada em temas gerais, em forma de áreas do conhecimento, disciplinas, eixos temáticos, selecionados pelos sistemas educativos e pela unidade escolar, colegiadamente, para serem desenvolvidos de forma transversal. A base nacional comum e a parte diversificada não podem se constituir em dois blocos distintos, com disciplinas específicas para cada uma dessas partes.

A pesquisa de campo enfatizou os temas inseridos no aspecto cultural dos estudantes e que estivessem contemplados e refletido em sala de aula. Na busca de conciliação dessas duas condições, o tema emergente foi a questão da sexualidade. Ademais, vivemos sob um advento da diversidade em que as reflexões contemporâneas apontam para o cenário do debate. Tais reflexões emanam de diferentes segmentos, sobretudo, o educacional que, quando assim age, materializa a problematização e a fuga das ações irrefletidas.

4.1 NARRATIVAS DOS ALUNOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA

A maioria dos adolescentes que participou do grupo focal mostrou diversas informações acerca da sexualidade, tendo como base a facilidade de acesso à informação, à comunicação com os colegas e às contribuições da mídia e da internet. Contudo, o pouco diálogo em família e/ou discussões no ambiente escolar, levam os mesmos a tratar a temática com base em suas experiências e no senso comum. Assim, considera-se importante para compor a percepção dos adolescentes pesquisados, apresentar como esses alunos concebem a adolescência.

Para motivar a discussão foi desenvolvido um diálogo sobre a sexualidade, uma

abordagem generalizada do assunto, mas que à medida que foi se desenvolvendo a discussão, os problemas que muitos adolescentes enfrentam no dia-a-dia de sua rotina fora e dentro da escola ganhou força. E para acirrar a participação e obter respostas, deixamos a questão aberta destacando que a sexualidade tem sido tema pouco recorrente de pesquisas acadêmicas, que independente da estrutura e condição social da família e da organização da escola são assuntos que não fazem parte do cotidiano escolar. Finalizei perguntando: qual família e /ou escola não tem em seu núcleo adolescentes problemas, indivíduos com conflitos em relação a sexualidade e/ou homossexualidade.

Em seguida, foram questionados sobre a questão de ser adolescentes e percebe-se nas falas a distinção de entendimento. Para E4, por exemplo, a vantagem de ser adolescente reside no fato de não ter muita responsabilidade:

E4: É que você ainda não precisa ter tanta responsabilidade, a sociedade não vai te cobrar ser uma pessoa responsável porque é vista como adolescente, como criança ainda. A desvantagem é que você não pode fazer nada; tanto pela parte de alguns adolescentes serem imprudentes vocês acabam sendo, mesmo que não seja tão imprudente, acaba sofrendo as consequências porque é visto como criança. Então você não tem voz, você não pode resolver nada, uma coisa que as vezes poderia ser simples você vai precisar de autorização, essas coisas que acabam visando na vida. Como o adolescente é visto pela sociedade? Como criança, como invalido. Eu já escutei isso várias vezes.

Para o aluno E4, o bom de ser adolescente é ser menos cobrado pela sociedade, não ter muita responsabilidade pois apesar da idade são considerados crianças. Por outro lado, esse tratamento age como instrumento que tolhe a liberdade e os concebem imprudentes. É, como destaca Schindhelm (2011), os adolescentes assim como as crianças ainda são vistos como puras e inocentes em algumas famílias e no âmbito e social.

Expondo um ponto de vista diferente, mas que remete à falta de confiança dos adultos nos adolescentes, o E6 enfatiza “é uma merda, eu quero resolver as minhas coisas, ter as minhas responsabilidades. Odeio depender dos outros e eu não consigo, quero marcar uma consulta no médico e ouço: quantos anos você tem?”.

Por ser uma das etapas de vida mais complicada, há quem associe a desvantagem de ser adolescente à impossibilidade de satisfazer alguns desejos e vontades, como

explica o E7:

Não é que bebe... por parte da minha mãe eu sou mais o santinho. Aí quando eu vou pra casa da minha tia lá em Vitória, já são outros quinhentos. Tipo assim: já sou adolescente, me considero bem responsável em algumas coisas, por exemplo, estudo, trabalho, bebida... eu sei a hora de parar... O adolescente é visto pela sociedade como uma pessoa muito imatura, não sabe o que é pagar conta, não o que é cuidar de filho, cuidar das coisas. Eu acho que é assim são vistos pela sociedade.

Para E11, ser adolescente implica em não ter preocupações “como uma pessoa que mora de aluguel, você ainda não trabalha, é criança e sua mãe se preocupa com isso. Em caso de urgência, não pode fazer nada, você ainda é de menor [...]”.

Nessa faixa etária, as percepções dos alunos sobre a adolescência, tema do Grupo Focal, são divergentes. Para melhor expressarem suas opiniões, nesta discussão, foi pedido que destacassem por desenho, como concebiam a questão da adolescência, obtivemos como resultado diversas ilustrações interessantes para serem analisados. O desenho de uma aluna mostra, como pode ser observado na Figura 3, a interpretação dela, acerca das cobranças feitas pela família e sociedade, enquanto sexo feminino, na adolescência.



Figura 3 – Adolescência na percepção de uma aluna
Fonte: Aluno do Ensino Médio, arquivo do pesquisador

A aluna demonstra, na Figura 2, que na adolescência há mais cobrança de deveres do que direitos: preocupação com estar namorando, responsabilidade, permanecer em casa, ou sem diversão e mais dedicação aos estudos. E descreve nos balões de

pensamento: Você tem que estudar! Já arrumou uma namorada? Seja mais responsável! Menina não tem que ficar saindo!

De forma mais explícita e aberta, E2 define ser adolescente:

[...] é o meio que tem que ser adolescente e também adulto. É a parte que você se desenvolve, começa a ter o seu aprendizado, seu verdadeiro aprendizado. Quando você tem mais experiências que você vai usar isso, essas experiências para construir o seu futuro e o seu preparo que é como você vai definir a sua personalidade, sua maneira de pensar, todas as suas coisas. Pra mim, necessariamente não tem uma idade específica pra você ser adulto. Uma idade ou uma fase de [...] (palavras não compreendidas) Eu acho que se a pessoa tiver passado por esses três pontos, já deixa de ser adolescente e passa a ser adulto. Se ela tiver vivenciando isso, já é adolescente.

O entendimento do aluno se encaixa com a literatura de Freud (1905), quando o estudante destaca que a adolescência é a fase intermediária, a passagem para a vida adulta. Sendo assim, é comum o indivíduo viver como afirma E2 metade adolescente, metade adulto.

Com o advento da puberdade, introduzem-se as mudanças que levarão a vida sexual infantil à sua configuração definitiva normal. O instinto sexual, que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. (FREUD, 1905 p. 121).

Complementando, E6 ao expor as vantagens e desvantagens de ser adolescente afirma:

É o momento de descobertas, a gente aprende por nossos erros e também com o que os outros nos dizem. A gente vai descobrindo, conhecendo mais (ruído inaudível). E a desvantagem de sermos adolescentes também é como eu coloquei aqui nós estamos meio que submissos a aqueles que são... é... mais velhos digamos assim, nós somos submissos a nossas pais. Não que seja ruim ser submisso aos nossos pais, seja uma coisa errada, mas que as vezes passo um pouco do limite nós não temos tanta autonomia de cuidarmos de nós mesmos. Às vezes somos considerados um pouco imaturo para tomar suas próprias decisões.

Essa fase de descobertas tem relação com as transformações que ocorrem nesse período e que Freud (2006) destacou, entre elas, a masturbação sexual, a transição da infância para a adolescência, início do ciclo menstrual das meninas e a da ejaculação dos meninos. Complementando, os alunos E5 e E7 discorrem sobre a vantagem e desvantagem de ser adolescente afirmando:

E5: A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios, por isso viva

intensamente antes que essas cortinas se fechem e a peça termina sem aplauso. O que 'cês' acham que essa questão de viver intensamente do adolescente leva há umas consequências? Que tudo é passageiro: as vestes, o estilo e em grande parte isso não verdade. É um momento de mudança, onde o corpo está mudando, o (palavra não compreendida) e o adolescente em si não sabe ainda o que quer ser. Até porque passa por essa fase. Ele tá se moldando internamente e externamente.

E7: A primeira vantagem de ser adolescente tá justamente na juventude, porque é mais fácil, é simples, tudo é banal. Andar a noite é simplesmente uma... andar a noite é só (palavra não compreendida) pra um adulto já é mais perigoso. O adolescente ele ignora alguns perigos é o nome da expressão, essa é a principal vantagem. Ser mais solto...

Nas falas dos alunos, percebe-se consonância com o que diz a literatura de Bock (2004) sobre a adolescência ser a etapa de vida mais complicada, na qual o indivíduo questiona, tem dúvidas. Os adolescentes mostram-se confusos, indecisos, diante das mudanças que se iniciam nessa fase da vida. É quando despertam os conflitos, questionamentos e comportamento rebelde. Observou-se que lidar com as descobertas é um ponto que se faz presente, o que pode ser observado nas representações expressas no desenho de um aluno, ilustrado na Figura 4.

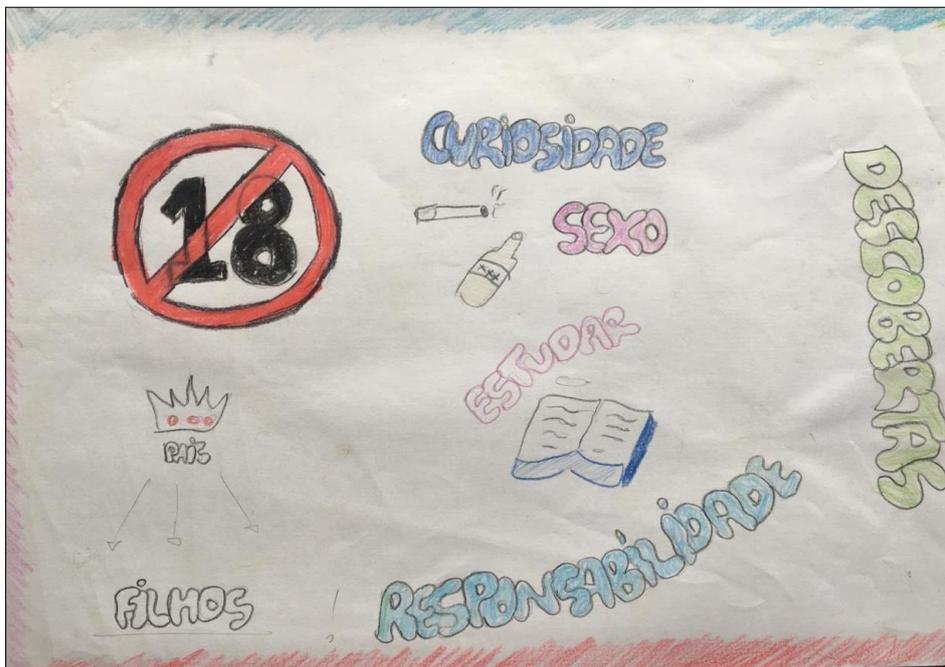


Figura 4 - Representação do estudante sobre o que é para ele a Adolescência
Fonte: Aluno do ensino médio – arquivo do pesquisador

A mensagem repassada no desenho do aluno corrobora a literatura de Pfromm Netto (1976) por corresponder a uma fase assinalada por grandes transformações físicas e psicossociais, que acarretam responsabilidades para com várias questões. Também condiz com o pensamento de Santos (1996) que enfatiza o adolescente sente a vida

como uma totalidade e o tempo como um conjunto unitário e contínuo.

Segundo Preuschoff (2003, p. 93), “durante a adolescência, os pais devem estar disponíveis, mantendo sempre o diálogo. Essas conversas, entretanto, raramente podem ser ‘com hora marcada’”. No ambiente do lar, os pais figuram como modelo, transformam-se em espelhos para os filhos.

O entendimento sobre sexualidade e a formação do pensamento de liberdade de escolha do indivíduo nem sempre é consoante com as determinações e imposições sociais e comportamentais impostos, também pela família. A seção seguinte discute como os alunos percebem as mudanças que ocorrem em seus corpos e órgãos genitais, o que possibilita analisar o entendimento acerca da sexualidade.

4.2 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO CORPO E ÓRGÃOS GENITAIS

Na perspectiva de situar as questões femininas sobre a adolescência, a discussão foi aberta falando sobre a importância da desconstrução de ideias machistas protagonizadas pelo poder e o domínio do masculino sobre o feminino e, ainda, a reivindicação dos direitos das mulheres considerada sexo frágil como indicativo de submissão e/ou exclusão de temas importantes na sociedade. Para retratar a realidade das alunas que fizeram parte da pesquisa, abaixo estão transcritas a opinião de cinco alunas e três alunos que trocaram ideias sobre as transformações que ocorrem no corpo e nos órgãos genitais.

E9: Eu tenho alguma coisa diferente aqui eu não posso me comportar como era antes. Eu pensei assim.

E3: Tocar nisso aqui agora, eu to virando uma mulherzinha.

E5: Minha mãe falava bem assim: não pode ficar sem sutiã, os coleguinhas vão zoar você na escola.

E1: Farolzinho tá aceso. Aí é muito chato.

E9 (aluno): Não veado eu sou homem eu to com pelo no pau.

E6: Mas ele falou que a vergonha da mulher seria os peitos, porque você não nasce com os peitos, você nasce com a sua vagina, mas cê não nasce com o seu peito. Peito é uma coisa que vem depois, começa aparecer ali depois. Então a vergonha da... da mulher é essa, por isso que sempre tem aquela questão ali “ah, começou a nascer um peitinho vamos colocar um sutiã aí pra tampar porque não pode”. Se eu sair... Hoje em dia, meu peito já não vai crescer mais... não vai, né. Então se eu sair na rua sem o sutiã “nossa, tá sem o sutiã”, tipo...

E11: É. Você se sente liberta. Gente, sutiã é muito ruim. Muito ruim.

E5 (aluno): Homem pode sair sem camisa.

E3 (aluna) Pode. Sem cueca que ninguém vai tá falando nada.

As falas dos estudantes mostram que a questão da sexualidade, desde cedo, é tratada no âmbito familiar como um tabu, um mito, um assunto de adultos. Ainda que esse contexto passe por mudanças expressivas e finitivas, em muitas famílias, meninos e meninas crescem obtendo informações sobre o corpo e seus órgãos genitais junto a amigos e ou na escola (de forma didática e biológica). É como afirma Foucault (2014, p. 244), “a sexualidade é um dispositivo histórico, uma rede através de alguns discursos/decisões que se concretizam saberes/verdades”.

Não buscar informações sobre sexualidade e sexo junto aos pais também ajuda para esse acontecimento, se os pais que não têm informações ou não tiveram por seus familiares - isso acontece de geração para geração - na maioria das vezes tiveram filhos cedo e seus filhos também. Os pais têm o papel fundamental na vida dos adolescentes. O ideal seria que toda a família tivesse um diálogo produtivo e saudável acerca de sexo e sexualidade.

Se a família oferecer exemplos afetivos e morais, contribui para a construção da personalidade ao adolescente evitando que passe por problemas desnecessários. Nesse sentido, Bernardi (1995, p. 31) argumenta: “se gostamos que a criança descubra ler sozinha, porque não gostamos quando ela começa a aprender sobre o seu corpo, sexo, prazer (sentimento de horror) construção do horror”.

A próxima discussão trata da homossexualidade, um tema sugerido nas discussões do Grupo Focal pelos alunos. A homossexualidade existe desde os primórdios da sociedade, mas somente há algumas décadas, se tornou uma questão que se mostra na escola, na família, nas relações sociais. Neste sentido, é necessário garantir o debate em todos os níveis escolares e faixas etárias.

4.3 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE

O grupo focal entre os alunos apontou discutir a questão da homossexualidade, no decorrer do debate sobre sexualidade, pois os participantes consideraram haver uma relação próxima dos temas. Homossexualidade substituiu a terminologia homossexualismo, considerando as sociedades grega e romana, a homossexualidade não teria nenhum sentido, pois o sexo entre iguais, de acordo com os limites de sua época, era tido como uma das maiores realizações do amor. Borillo (2010, p. 46)

destaca que nesse período, entre adultos, “[...]as práticas homossexuais correspondiam à necessidade, de preferência militar, em vários estados gregos, o amante/amado eram posicionados lado a lado no campo de batalha, para inspirar o comportamento heroico [...]”.

Essa discussão entre os alunos mostrou em suas falas como entendem essa questão: Para E4, em se tratando de homossexualidade, “[...] antigamente tinham pessoas, mas eles meio que escondiam, não queriam mostrar, era raro uma pessoa mostrando que realmente era homossexual”.

Foi no século XIX, que o discurso cientificista trouxe a concepção da homossexualidade como um tipo de doença e enfatizou que uma das formas de reprodução da heterossexualidade é cultivar os corpos em “sexos diferentes, aparências e disposições heterossexuais naturais. A heterossexualidade constitui-se em uma matriz que conferirá sentido às diferenças entre os sexos” (BENTO, 2006, p. 87).

Mudanças são perceptíveis nesse contexto e corroborando com este entendimento, E3 afirma “agora, meio que influencia a pessoa a mostrar o que ela realmente é, alguns por modinha mesmo, outros realmente querem mostrar pro mundo, por conta da influência. Que hoje tá todo mundo se mostrando [...]”.

O senso comum trata a homossexualidade como uma opção sexual, consciente e livre; para outros, um desvio social e comportamental ou se a concepção tem características genéticas. Com o movimento gay contemporâneo, surgido na década de 1960, teve início a defesa da liberdade sexual. Para Dagnese (2000, p. 24), com o começo de revolução sexual, os homossexuais passaram a “perceber que a aceitação do sexo homossexual livre não implicaria no fim da solidão dos indivíduos, sem que junto com as liberdades, códigos de comportamento ético também surgissem”.

Ao participar da discussão, E11 pondera: “É, por exemplo, tem jovens que começam, dizem que são bissexuais aí fica com menino, fica com menina depois resolve. É, então não fica mais com menina [...]”.

A identificação da orientação sexual está condicionada à identificação do sexo da pessoa escolhida, em relação a quem escolhe, e tal escolha não pode ser alvo de

tratamento diferenciado. A noção de verdade está ligada às práticas de poder disseminadas no tecido social (os micropoderes). Esse poder não é exercido pela violência aparente, nem pela força física, mas pelo adestramento do corpo e do comportamento, a fim de “fabricar” o indivíduo normatizado ou o tipo de trabalhador adequado para a sociedade industrial capitalista (FOUCAULT, 2014).

É interessante a forma como E7, que pertence a uma família de heterossexuais, entendia a homossexualidade,

Engraçado, na minha experiência eu achava que não fui influenciado pra ser homossexual, porque eu gostava de Sandy e Junior na época. E eu via Sandy e Junior lá e aí quando dava uns agarros no meu priminho que era pequeno, mais novo... Ele é hétero é casado com mulher e eu não sou. Mas eu não imaginava que a gente era Sandy e Junior, eu imaginava que ele era a menina e eu o menino, sempre pensava isso. Então, eu acho que a questão também de você vê um pouco que não influencia tanto, acho que vem mais de dentro da pessoa.

Complementando a fala anterior E9 sobre tudo influenciar a homossexualidade, outro estudante pondera “é um conjunto de coisas, não é só você acordar hoje e você falar sou gay, eu sou hétero, várias coisas acontecem desde quando você é pequenininho, uma teia que vai se formando e aí em determinado ponto que você é o que você é”.

À medida que a pessoa se assume homossexual, todo o processo evolui e para E2:

E2: Aí você tem que fazer uma cirurgia, porque você precisa de testosterona para poder ficar excitado né. E por último nós temos aqui a mãozinha dele né, que é a expressão de gênero. Ele até fecha a mão. Tipo assim a expressão de gênero é a expressão que a sociedade... a sociedade espera da gente. (Palavras não compreendidas) eu vou sofrer um pouco menos de preconceito lá fora, mas se eu fosse uma diva (risos dos presentes). Ah bom... Mais afeminados sofrem um pouco mais de preconceito. Assim também como as meninas mais masculinas que são homossexuais.

E1: Conversando sobre isso com minha mãe também esse final de semana limpando a casa. Ela falou assim “Ah, é...” Passou um amigo meu ele é veado. Aí ele passou, ele é cabeça raspada que ele também se monta. Agora vai ter quadrilha, aí ele vai ser uma rainha, não sei o que lá que eu não estou participando. Aí só que tipo ele ama ficar jogando cabelo, só que ele não tem cabelo pra jogar. Aí a minha mãe falou bem assim “Tá vendo é por isso que os meninos direto quer bater nele, ele não é pra ficar fazendo essas coisas assim não”. Mas perto dos meninos lá da rua ele faz para provocar os meninos mesmo, mas no dia que os meninos for pegar ele, ele não vai aguentar.

A temática homossexualidade possibilitou observar o comportamento e posicionamento dos adolescentes sobre essa questão polêmica na família, na sociedade e na escola. O aluno E5 contextualiza o posicionamento de sua mãe em

relação a sua sexualidade, ao falar com seu irmão de oito anos:

[...] estou lá fazendo alguma coisa dentro de casa ouço: ‘você nasceu homem, vai ficar com mulher isso e aquilo. Uma vez falou assim: não seja igual ao seu irmão. Aí eu falei por que? Porque você é gay, gosta de outro homem e eu não quero isso para o meu filho. Tá tudo bem. Ela joga algumas indiretas para mim ou meio que me deixa pra baixo. Ela falou: quando você chegar lá fora, vai ser maltratado, fazer isso, isso e isso. Eu falo para alguém o que eu sou quando eu realmente sinto que é mesmo assim. Quando eu estudava em outras escolas, a professora olhava pra mim. Minha prima, foi a primeira vez que eu contei para até fiquei surpreso, ela disse: pensei que fosse alguma coisa mais importante assim. Ela não foi me crucificar, falou assim, na nossa família. Eu passei a maior parte da minha vida com minha mãe...

A postura da mãe mostra a discriminação na família e justifica sua atitude como um alerta para a convivência do filho na sociedade. Homossexualidade em família é uma questão complicada, ainda que o filho seja decidido sobre a sua sexualidade, como afirma E9:

Sou muito na minha. Quando chego, fico lendo livro ou faço alguma coisa. Falar com minha mãe, achei que ela fosse me aceitar normalmente, só que foi o contrário. No dia que eu falei a gente estava discutindo, ela falou um negócio lá; eu falei, aquilo estava me prendendo, estava me fazendo mal esconder alguma coisa da minha mãe. Aí quando eu falei ela falou ‘saia da minha casa agora’. Eu desci, fiquei lá um tempão. E em questão disso, tipo assim você não vai sair pra isso nem para lugar nenhum. O primeiro garoto que eu fiquei foi lá em Vitória, em uma festa aí minha tia pegou... eu falei: tia to saindo e sai. Aí, foi uma das primeiras pessoas assim, que eu fiquei namorei e tal, fiquei durante sete meses direto.

Um relato diferenciado, no qual a mãe expulsa o filho de casa, mas é acolhido pela tia. A história vivida pelo E10 é bem diferente das citadas acima quando expõe o posicionamento do pai e da mãe:

É. “E não importa o que você seja, você vai continuar sendo meu filho, o meu amor por você vai ser igual o que eu sinto pelo seu irmão”. “mesmo se você fosse drogado eu ia brigar com você, mas você continua sendo meu filho”. Agora, a mãe não, é totalmente o contrário. Tipo, eu chego dentro de casa ela pega... É... eu chego em casa lá para as oito, nove horas da noite. Uma vez é... eu tava trabalhando, eu cheguei ia dá quase onze horas da noite porque eu fiquei preso no trânsito, eu trabalhava lá no centro de Vitória. Ela chegou e falou assim: “você tava se encontrando com alguém”. Aí eu peguei e falei: ah tá, então pega e vai se põe no meu lugar, fica duas horas parado no trânsito sentada e assim, ouvindo desaforo dos outros, os outros querendo chegar logo em casa e eu passando mal dentro do ônibus. Você quer o quê? Aí ela falou assim: “ah, mas a sua obrigação é você pegar e chegar cedo em casa”. Eu não posso fazer nada. Aí, ela me crucifica muito. Depois que eu falei isso pra ela, ela falou assim: “você não vai sair pra isso. Minha amiga “bora sair, bora”.

As reações dos pais quando o filho assume sua homossexualidade são diferentes. Uns aceitam de imediato, outros rejeitam. Tem ainda aqueles que ao contrário de

orientar o filho, o expulsa de casa, lançando-o ao mundo, à discriminação e preconceito. É o caso de E9 que expõe o posicionamento da mãe: “Ela não entende mesmo. Eu já tentei conversar com ela; ela chega perto de mim e fala assim: por que você é assim? Por que eu sou assim? Porque assim, foi uma questão assim, que eu... foi a primeira vez que eu fiquei, ela nunca nem deixa na casa[...]”.

Outras situações, destacadas pelos sujeitos investigados, apontam a discriminação dentro de casa, como relata E8: “em casa eu sou crucificado, meu padrasto, né. Ele teima em dizer que eu sou viado. Ele fica dizendo que eu sou viado queisso e aquilo. Eu namoro ele fala que eu namoro pra disfarçar”.

A situação de E6, que se declara heterossexual, difere do entendimento do padrasto e interfere na relação pai e filho:

[...] eu não converso com ele. Ele fica com essas viadagens dele. Aí teve uma vez que eu não aguentei, ele ficou me chamando de viado eu falei: se eu sou viado, eu to comendo seu c**? Ele ficou nervoso, veio pra cima de mim, eu fui pra cima dele. Eu falei, bora ver quem vai ser mais homem então. A gente briga demais pelo fato dele dizer que eu sou gay, mesmo eu sendo hétero ele diz que eu sou gay. Porque eu não fui criado com meu pai, eu fui criado só com a minha mãe e com a minha avó. Então... eu sempre fui um moleque mais de ficar dentro de casa, no meu quarto, eu sempre fiquei sozinho na minha, de boa, nunca... não gosto de jogar bola...

No caso de E5, as indiretas sobre sua sexualidade são lançadas pelos amigos:

Nunca... tipo assim... Ele falou assim jogar. Ele nunca chegou assim “ah, bora jogar e tal”. Nunca tive. Aí os meninos falam assim “ah, bora jogar bola”. Eu não gosto. “Ah, você é viado”. Eu jogo outro esporte, “você é isso, você é aquilo”. Eu sou muito crucificado em questão. Aí tipo assim, eu chego em casa à noite... ou se não eu pego e saio pro vôlei, minha mãe sempre ela fala alguma coisa. Recebo alguma indireta, joga uma palhaçada pra mim. Aí eu fico... Eu nem tento discutir com ela por causa disso. Porque se eu começar a discutir eu vou falar coisa que ela não vai querer ouvir.

Até mesmo a preferência do filho por alguma atividade específica, para alguns pais significa ser homossexual, em seu relato, E2 afirma “sempre gostei de desenhar flor, natureza. Minha mãe e meu pai sempre falaram: por que você não pega uma bola pra chutar”? Meu pai: acho que você é gay”. Eu falei: e se eu for?

Quando eu comecei a namorar... Eu comecei a namorar, minha namorada ela sempre foi uma menina muito fechada, ela tinha contato com o pai dela quando era mais nova, mas foi crescendo e começou a se afastar um pouco mais dele. Mas ela, já que ele viveu... o irmão dela, ela é mais nova o irmão dela do meio é um menino, então ela sempre brincou mais com ele e com os amigos na rua. Então ela joga futebol, ela solta pipa, ela soltava pipa, ela gosta de

esporte. Isso diz que ela é lésbica, aí o pessoal diz que ela é lésbica e tal. Quando a gente começou a namorar o pessoal falou “nossa, R... tá namorando com você, pensei que era lésbica, que não sei o quê”. Porque não conhecem, julga pelo fato de[...].

A mesma situação é vivenciada por outros alunos, ou seja, a preferência por atividades específicas e a questão da sexualidade. E9 relata que “algumas coisas que eles julgam ser de menino ou de menina. Tipo, eu não gosto de futebol, se você não gosta de brincar como o menino brinca, então você é gay”.

No mesmo eixo de discussão, E9 disse: “ela gosta de futebol, é lésbica porque ela joga futebol, coisa de menino. Eu acho uma idiotice isso, entendeu. Aí, isso faz com que você seja gay, com que você seja lésbica. Não a sua orientação sexual”.

Em outro contexto, o aluno prefere esconder sua orientação sexual para levar uma vida mais calma e sem distúrbios em casa. É o que nos diz E3:

[...] Uma vez meu amigo, acho que era meu aniversário, disse “te amo você é muito meu amigo e tal”. Peguei, eu falei assim, aqui mãe o que o meu amigo me mandou e tal, mostrei. Ela pegou e já ela fez um caso. Eu sempre me achei muito assexuado, porque eu não gostava de menino e nem de menina. A primeira vez que eu fiquei com menino, nossa massa. Quando eu fui pra essa festa eu falei: meu Deus, que eu fiz. Depois eu passei a ficar. Realmente, eu não sou muito assexuado. Que nem minha tia, fui pra casa dela, ela me zoa muito dizendo ‘por que você não é muito de ficar com menina?’ Porque eu sou na minha e em questão da minha família eu escondo muito, sou muito discreto.

Percebe-se que as concepções se complementam e novos entendimentos são acrescentados a partir de uma opinião emitida. Mas, quando se trata da homossexualidade, as discussões levam a diferentes pontos, mas o assunto se torna redundante, repetitivo, pois a questão é tão antiga quanto assumir e ter aceitação familiar e social. Para E1:

Hoje em dia existe um tabu muito grande. É o estranho, o novo. Novo e o estranho não são bem recebidos na sociedade. Eu posso dizer isso por mim. Excluído. Os meus amigos não sabiam se eram bi, gay, ficavam nessa dúvida. O pessoal do segundo ano do ensino médio muitos já são maiores de idade, já estão com a mente, assim, decidida. Eu sou o que sou, tenho que me aceitar do jeito que eu sou ou eu vou tentar mudar. Então é mais interessante, seria mais produtivo, tratar com o pessoal do segundo para o terceiro.

Os relatos sobre a homossexualidade e os pontos de maior questionamento apontados pelos alunos mostram a importância de se desenvolver um trabalho mais profundo e abrangente sobre a sexualidade nas escolas. A literatura de Giroux (2003)

destaca que nas relações da escola podem ocorrer situações discriminatórias e preconceituosas, em que o professor deve intervir e, nesse caso, admitir uma identidade marginalizada é uma maneira de valer-se de ‘narrativas dominantes’ para desconstruir os próprios efeitos de verdade, ou seja, as exclusões, que produzem.

Como foi observado nos relatos dos alunos, alguns estabeleceram sua verdade em se tratando da sua orientação sexual/homossexualidade. Essa admissão é consoante com Foucault (2014) que enfatiza: quando indivíduos estabelecem sua verdade, e se é diferente dos padrões hegemônicos, surgem os ‘anormais’, que englobam as pessoas cujos comportamentos e adaptabilidades às expectativas sociais não atendem aos critérios culturalmente estabelecidos.

Refletir sobre a sexualidade e crenças tem sido fundamental, no que tange ao desenvolvimento escolar de alunos/alunas para, então, se possível, explicitar atitudes discriminatórias e preconceituosas, fazendo com que os professores se perguntem sobre a responsabilidade da escola. Nesse contexto, Hooks (2013, p. 273) discute a homossexualidade em se tratando das formas de pedagogias e sugere a pedagogia engajada, afirmando:

A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade.

Há de considerar que as discussões metodológicas que permeiam a construção da pedagogia transgressora incidem em como os recursos didáticos são utilizados e quais conhecimentos são negociados com eles e a partir deles. Nesse sentido, a “prática do diálogo é um dos meios mais simples que os professores têm para cruzar as fronteiras, barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, classe social, reputação profissional e um sem-número de outras diferenças” (HOOKS, 2013, p. 174).

Falar de sexualidade, de modo aberto, tem mais características de modismo, do que uma discussão mais profunda e reflexiva, principalmente, no ambiente educacional, tanto que o tema é tratado no currículo escolar como transversal. O adolescente de hoje tem maior acesso à informação, estão conectados, logo, são conscientes de suas

preferencias, de sua personalidade e de sua sexualidade. Ainda assim, essa temática levanta debates e continua sendo uma questão de pesquisa acadêmica, alvo de análise social, psicológica e religioso.

4.4 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE

Chamados a expor suas concepções sobre a sexualidade, os alunos mostraram entender a complexidade do tema, mas emitiram suas opiniões com firmeza e clareza. E4 entende a sexualidade como “chegar em você, ficar e sentir prazer. É como você se sente depois que fica. Eu posso ser demissexual⁵, quer dizer, ficar com você sem te conhecer, mas me sentir mal porque você aceitou e sim por mim mesmo”.

Complementando, E7 destacou “[...] tem pessoas que namora primeiro para ver o que realmente quer”. Então, E9 participa do diálogo e afirma “[...] eu não penso assim não. Eu penso que eu posso ficar com outras pessoas, tipo relacionamento aberto”. Com pensamento diferente, E10 diz “não vou conseguir ficar com uma pessoa porque eu quero, porque eu queria dar pra ela”.

Independentemente de como se entende a sexualidade, os alunos frisam a questão do preconceito, como destaca E8:

Mais ainda sofre preconceito. Esses dias eu cheguei com a sobancelha feita no banco. É sobancelha feita, cabelo cortado e com a listrinha. Os caras ficaram me zoando, porque eu tinha feito a sobancelha. A sociedade as vezes ela te impõe um padrão, não exatamente o padrão que te define. Eu sou hétero, mas não quer dizer que eu tenha que seguir esses padrões... Esses padrões que eu vou seguir, faz com que eu busque outra sexualidade.

O padrão social tinha como referência o gênero que definia homem e mulher, uma questão cultural. Mas, essa realidade está mudando. Nesse sentido, E5 enfatiza que “eles criam um padrão que você tem que seguir, que se você não seguir a sua sexualidade ela é um pouco... Eles criam uma desconfiança sobre a sua sexualidade, eles não confiam [...]”.

As diversas formas de curiosidades de crianças e adolescentes, em relação à sexualidade, estão deixando de ser uma busca de respostas junto aos pais ou até

⁵ A demissexualidade faz referência ao relacionamento no qual somente após o estabelecimento de vínculo psicológico, intelectual ou emocional com o parceiro(a) é que desponta a atração sexual.

mesmo na escola espaço que, ao contrário de transmitir a sensação de liberdade sobre o assunto, a escola representa um ambiente comparado a prisões.

Não orientar, sexualmente, o adolescente é negar o seu direito à informação que certamente ajudará na sua formação. Quando se analisa a proposta de orientação sexual, nos PCNs, desponta um questionamento se a sexualidade não se trata somente de dispositivo que a sociedade criou para controlar o aluno. Sendo essa a proposta, então “convivemos socialmente com a polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição” (FOUCAULT, 2014, p. 28).

Na concepção de Souza (1999, p. 35), o ambiente adequado à discussão sobre sexualidade, ainda é a “escola por proporcionar à criança os primeiros conhecimentos em se tratando do seu corpo, sua identidade, seu papel, o que é permitido ou desaconselhável na sociedade em que vive”. Contrapondo a literatura de Silva (1999), o aluno E9 opina que “isso acontece com as pessoas que não tem a sexualidade, bem resolvida. Porque se você sabe que você é hétero você é, não é você fazer a sobrelha que isso vai te ameaçar”.

Os adolescentes entendem como significativas as propensões de tudo, o que é subjetivo, quando relacionado aos conhecimentos, certezas, causas e o desejo de saber sobre o apetite sexual. Ao longo da discussão no grupo focal, os alunos expressaram suas opiniões por meio de desenho, para enfatizar visualmente a sua opinião.

Solicitados a expressar esse entendimento, em forma de desenho ilustrativo, foi possível observar nuances de algumas incertezas, indicações de questionamentos não respondidos, um misto de vergonha, pudor e crítica, segundo a opinião de uma das alunas, como mostra a Figura 5.

A autora do desenho E10 expressa em palavras como é ser e/ou viver a fase da adolescência: “aprende a crescer, sonhador, sem tanta responsabilidade, tem alguém ao lado que instrui sobre o seu crescimento e como viver; de repente hormônios a flor da pele”. E também: “uma criança que não sabe 1% do que é ser responsável, do que é ser alguém com postura, que não querem nada, que estão desperdiçando a

adolescência”.

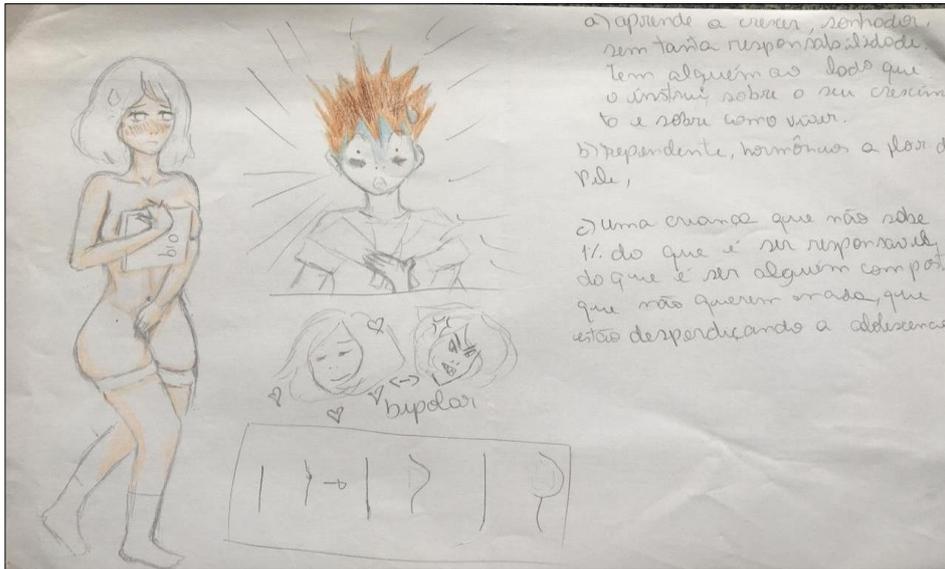


Figura 5 - Representação para a aluna do que é para ela a Adolescência
Fonte: Aluna do ensino médio – arquivo do pesquisador

Desde o nascimento da criança, ocorre a educação sexual e deveria ser mais predominante na família, pois as primeiras instruções que a criança recebe, em relação a esta educação, é na família, onde os valores, as intimidades, as primeiras noções são transmitidas não tão explícitas como deveriam ser. Defendemos que os pais deveriam ensinar seus filhos a sexualidade de uma forma simples.

Entendemos que a orientação pela família passa por vários processos complexos e torna-se ineficiente por muitas vezes, visto que cada núcleo familiar trata de forma diferente suas relações e seus próprios valores, levando as crianças e adolescentes a buscarem informações em outros ambientes, como a escola, amigos e internet.

Este controle comportamental versa sobre a imposição das instituições escola, família, igreja - as quais reproduzem um molde de infância, pensado pelos adultos, que se propaga na escola pelos professores, pois assim lhes é ensinado pelas teorias pedagógicas, as escolas desconhecem neste sentido a sexualidade em seus diversos campos e que está é uma dimensão da existência humana.

A sexualidade nos define enquanto sujeitos. A disciplinarização dos corpos serve para torná-los dóceis, eficientes e conformá-los, pois, como afirma Foucault(1987):

[...] A disciplina fabrica indivíduos, ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de

seu exercício. Não é um poder triunfante (...); é um poder modesto, desconfiado, que funciona ao modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado (FOUCAULT, 1987, p. 143).

Nas palavras de E1: “mesmo o homossexual quando sai, os meninos que são mais afeminados sofrem mais preconceito, até pelos próprios gays. Quando a gente é mais homenzinho chama mais a atenção. Agora quando você tá lá, ‘aquelas pintosas’, que a gente fala”

A sociedade padroniza comportamento, religião, beleza, estética, o que torna mais complexa essa questão haja vista os elementos que a envolve. O entendimento de comportamento ser padronizado pela sociedade, faz parte da concepção do aluno E4 que argumenta:

A sociedade tá padronizando a gente de várias formas. Então é isso que a gente tem que tomar cuidado, porque senão você acaba torando sua felicidade para você mostrar para outros uma coisa que você não é. É claro quer ter o cabelo vermelho. A minha amiga é negra, negra mesmo e ela tem o cabelo da cor da Isabela. E aí oh ela não tá nem aí. Aonde a gente vai... Tá eu, o meu namorado, ela e o marido dela. Todomundo acha que ela é travesti, porque ela negra, cabelo vermelho e dessetamanho.

Como falar de sexo com adolescentes sem tornar o assunto constrangedor, intimidar seus desejos e não usar o revanchismo do gênero? Segundo Bento (2006, p. 5), “os corpos já nascem operados. Estamos mais ou menos operados por tecnologias sociais precisas, somos todos pós-operados [...]”.

Em sua teoria psicológica, Freud (2006) destaca que a sexualidade impulsiona os sujeitos, concentrada na busca do prazer, desde o nascimento à morte e que as fases psicosssexuais se desenvolvem e concentram a parte da libido nas zonas erógenas.

Percebe-se que a abordagem sobre sexo e sexualidade, por mais natural que seja, não é uma tarefa fácil para um professor tratar em sala de aula, considerando que, quando em família, alguns pais não aceitam dialogar com seus filhos sobre o assunto. A maioria das questões associadas à sexualidade, conforme destaca a literatura, também tende a apresentar conotação religiosa, além de ser uma temática concebida de diversas formas e sob diferentes prismas. Vejamos qual a percepção dos adolescentes do ensino médio da escola pesquisada.

4.5 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE RELIGIÃO, FAMÍLIA E SEXUALIDADE

A sexualidade foi construída ao longo da vida pelos afetos, sentimentos e se expressando com singularidade em cada sujeito. Sexo e sexualidade são temáticas ainda polêmicas no universo social, familiar e religioso. A maioria das denominações religiosas defende a sexualidade na perspectiva de homem, mulher, ou seja, da heterossexualidade. Vejamos como os adolescentes concebem esta relação, ou seja, religião e sexualidade. Na percepção de E5, quando se associa religião e sexualidade, “as igrejas demonizam, abominam. Fala que Jesus Cristo mora no seu cabaço, se sair dali ele vai embora, ‘não quero mais você’”.

Diferente da civilização romana, a sexualidade, em diferentes aspectos, inclusive o religioso, não possuía uma moralidade objetiva. O sexo era tratado naturalmente, e um dos motivos era a ligação entre o sexo e religião e, segundo Diehl e Vieira (2013, p. 28), a religião não reprimia o comportamento sexual e os deuses “eram intimamente ligados à sexualidade: Juno era protetora das funções sexuais femininas; Príamo, representado por um gigante falo preso à uma face humana, era associado a fertilidade e à fecundidade em geral”.

Complementando, E12 abre a discussão sobre o que diz a Bíblia a respeito da relação sexual, haja vista que a recomendação é explícita entre as pessoas fiéis servos de Deus: “só pode transar depois que casar, mas eu entendo que as pessoas não é o tempo do casamento, é o tempo da pessoa se sentir à vontade para transar, com 13 ou 30 se sentir com trinta ela vai [...]”.

A iniciação sexual entre meninos e meninas, jovens escolarizados e de família ocorre em tempo diferente. Entre os filhos de famílias abastadas, o processo é adiado; e precoce entre os de baixa renda, segundo a literatura de Diehl e Vieira (2013).

Os adolescentes do sistema educacional, os com baixa escolaridade, os indivíduos, os pertencentes a grupos sociais menos favorecidos, trabalhadores e sem religião são os mais indicados a iniciar a relação sexual na adolescência. Religião e sexualidade sempre foi e continua sendo uma temática complicada, complexa, pois a Bíblia demanda como deve ser o comportamento do cristão (aquele se serve a Deus

independente da religião). É um assunto controverso, como pode ser observado nas concepções abaixo:

E3: Não. Porque ela sendo... ela não era da igreja ela começou a ir na igreja, ela do lado de religião. Assim, eu... Mora em São Paulo, mas assim, eu nunca tive, como eu te disse pai e filho. Eu sempre fui muito quieto. Aí quando ele... ela falou assim: “vou falar pro seu pai”. Eu falei assim: você não vai falar pro meu pai, eu vou falar pra ele. E ela toda intrometida foi lá e falou pra ele. Quando ela falou, tipo assim, ah meu Deus a minha mãe elafalou assim que eu não sou mais filho dela, tipo assim, em questão. Entre aspas. Meu pai, imagina. Meu pai que é hetero e tal aí ele pega e descobre isso eu vou... aí meu Deus to sozinho no mundo. Aí eu falei assim: só tem eu e eu mesmo. Aí eu... Aí ele pegou, não... meligou no dia e falou assim: “hein, isso não importa o que você for, você vai continuar sendo meu filho”.

E8: Eu acho que é um senso, entre aspas. Você não pode deixar sua vida se levar pelo prazer sem que... meio que centrar ela nas coisas. Prazer é algo secundário. A gente tem que entender que a nossa relação com as outras pessoas, de maneira não sexual é importante, é primária, é a nossa mudança primária. Supondo que se isso tivesse acontecido mesmo há dois mil anos atrás sem a influência da igreja católica. Tema igreja católica que era uma das que mais proibiam o sexo[...].

As percepções dos alunos sobre sexualidade e religião são interessantes. Considerando que em seus estudos, Foucault (2014) destaca que na sociedade contemporânea fala-se muito sobre este tema, com o intuito de torná-la proibida, pois isto ainda ocorre entre três das principais instituições sociais, ou seja, família, escola e religião.

Para Foucault (1996) “os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”. Minha experiência docente junto a alunos do ensino médio permite destacar que apesar de muitas escolas reconhecerem a importância do tema sexualidade na escola, ainda contratam psicólogos para ministrar palestras e conversarem com os alunos. No entanto, em algumas escolas os professores e orientadores acabam sendo os profissionais que tratam deste assunto com os alunos, e por muitas vezes reproduzindo discursos equivocados e ou visões pessoais.

Minha experiência docente junto a alunos do ensino médio permite destacar que apesar de muitas escolas reconhecerem a importância do tema sexualidade na escola, ainda contratam psicólogos para ministrar palestras e conversarem com os alunos. No entanto, em algumas escolas os professores e orientadores acabam sendo

os profissionais que tratam deste assunto com os alunos.

O professor que quer falar ou conversar com seus alunos sobre sexo em sala de aula, precisa sentir-se à vontade para tratar deste assunto, dessa forma possivelmente as aulas irão estimular o adolescente a buscar informações e orientações sobre seu corpo, sexo e sexualidade junto à família.

No entanto, sabemos que ser adulto e estar na função de professor pode não ser o suficiente para lidar com as questões trazidas pelos jovens em sala de aula. É necessário bastante estudo e aprofundamento para que a discussão seja bem colocada, bem como a fundamentação teórica e alinhada ao currículo escolar.

Para situar a importância da família quando se trata de questões associadas à sexualidade, é preciso falar um pouco desta instituição social. As primeiras aprendizagens da criança, inclusive, as sexuais ocorrem no ambiente familiar. Os padrões familiares existentes, ou seja, de composição, de casamento, de residência, de descendência e de autoridades (GIL, 2011).

No entanto, por mais natural e atual que possa parecer, conversar e/ou discutir sobre sexualidade no ambiente familiar é um ponto complicado. Mas, na família de E12, a situação difere, haja vista que falar de sexualidade parece ocorrer de forma aberta:

[...] a gente lá em casa não tem esse negócio de “Eu sou o seu pai, eu sou sua mãe e eu sei mais que você”. Não, tem coisas que a minha mãe e o meu pai aprendem comigo, coisas que eu aprendo com eles. Experiência, tenho total liberdade, total intimidade para falar sobre tudo. Sobre a masturbação, eu acho importante, porque na masturbação você se conhece. Então, isso na hora do sexo mesmo, e você se conhece, você sabe onde sente prazer, onde vai ser bom pra você e a outra pessoa.

Tem muito homem que sabe que é hetero, porém sente prazer no ânus, mas às vezes tem vergonha de pedir pra namorada, na hora do sexo, um boquetinho tranquilo, pedir pô “mete o dedão aí cara” Mas o cara fica naquilo “não vou pedir, porque senão ela vai achar que é gay, porque eu sou homem”. O homem realmente acha que se ele enfiar alguma coisa no ânus dele, vai virar viado...

Assim, da noite pra lua. Entendeu? Não é assim. Acontece que eles associam, é um pensamento totalmente errado. É como você sente o seu prazer, cara, o prazer é seu, ninguém tem nada a ver com isso. Se a sua namorada te ama ela vai entender que é assim. Tem menina que já acha estranho. Eu já escutei vários relatos “ah, ele pediu pra eu fazer isso, será que eu faço, será que ele é gay”?

Uma conversa aberta em família sobre sexualidade deve servir para orientar o filho e não controlar ou rejeitar a sua orientação sexual. Serve, inclusive, para ensinar a não

usar palavras de baixo calão ao fazer referência aos atos sexuais. Em suas palavras, E3 relata como foi a conversa com a mãe sobre sexualidade e diz: “não vivo com meu pai, nunca tive contato com ele, então só minha mãe. Minha mãe inventou de vir conversar comigo sobre masturbação, eu não entendi porque ela veio conversar comigo: ‘meu filho, você...’ e não sei o que. Eu falei: ‘mãe’”. Ao contrário do que diz a literatura sobre a masturbação, o aluno mostrou-se intimidado diante da mãe. Nota-se que não houve conversa, uma vez que, ao analisar as falas dos estudantes, podemos compreender muitas famílias não têm hábitos de diálogo, levando em conta também a dificuldade de alguns adolescentes em ouvir.

Segundo Brasileiro e Brasileiro (2001), normalmente, quando pais e professores se deparam com uma criança se masturbando, as reações vão depender do ambiente e do lugar que a criança esteja: em um ambiente público, a criança deve ser chamada atenção de forma firme; em ambiente discreto, deve se esperar o momento certo e apropriado para explicar sobre a masturbação, consequências efeitos e causas.

Por outro lado, quando questionada sobre a conversa sobre sexualidade em família, E11 trouxe a discussão sobre genitália, afirmando “acho uma das primeiras vezes que eu vi que tinha uma coisa diferente ali, que saia mais do que xixi foi quando eu sentei no braço do sofá... e falei: tem alguma coisa diferente aqui. E daí foi”.

Como sexualidade é um tema ainda reprimido em algumas famílias, os alunos entendem que, se o assunto fosse tratado de forma mais aberta, haveria menos repressão:

E4: Olhando um tema mais aberto, a gente poderia dizer que a gente é reprimido sim... tem um limite que a gente tem que impor na minha opinião, eu acho que se a gente deixasse se levar... nos últimos... dois mil anos, hoje seria totalmente comum a gente vê pessoas falando de sexo no meio da rua.

E6: Alguma relação não sexual, questão das doenças... explicasse. O mundo seria assim, eu acho, na minha opinião seria diferente. A crianças... não crianças... entrando na adolescência, eu acho que ali até os 13 anos eu acho que a criança já tem maturidade suficiente pra começar a entender o que, que é. Então assim, ter uma orientação pra não acontecer o que acontece nos dias de hoje. Porque igual “ah, mas tem muita camisinha, tem muito anticoncepcional no postinho”, sim tem...

E10: Eu entendo o raciocínio dele até certo ponto, mas tem... uma coisa que ele falou... Assim, se fosse uma coisa ampla, todo mundo soubesse o que é eu não acho que seria uma... uma coisa negativa. Eu acho que se dentro da minha casa o meu pai ou a minha mãe... Eu falo isso porque eu tenho exemplo e não é um, dois, são vários. Eu tenho... eu conheço muita gente, eu tenho muitos colegas, muitos amigos e amigas, então o que eu vou falar eu tenho a

certeza disso. Se dentro da minha casa, eu, do jeito que eu sou hoje é graças ao que os meus pais sempre me... educaram, sempre me falaram... meu pai nunca teve nenhum problema. É, tanto que é mais meu pai que me explica as coisas do que a minha mãe. Então nunca teve nenhum problema. Desde pequenininha com seis anos, já perguntava... queria saber o que era, porque escutava, tenho irmão mais velho, então sempre fui criada ali no âmbito... num lugar com pessoas mais velhas, então adolescente fala mesmo disso. Então eu escutava, eu era criança eu queria saber o que era, então meus pais sempre me explicaram e sempre me alertaram. Isso também retardou a minha vontade... a minha sede sexual, isso não me fez fazer sexo com seis anos porque eu aprendi o que era sexo com seis anos. Então, isso vai muito da linha de raciocínio. Agora, quantas e quantas meninas que eu conheço que com 13, 14, 15, 16, 17 tem a minha idade que são mães ou que estão grávidas, porque os pais nunca chegaram e falaram assim “olha, isso aqui é sexo, é assim, assim, assim que você pode fazer, porém tem como você se prevenir, você tomar uma pílula”, você fazer... sei lá, até a tabelinha, ensinar a tabelinha da vida, falar que existe camisinha tanto, não só pra gravidez...

Podemos analisar que a adolescência desencadeia sentimento de perda e medos de abandono na maioria das famílias. Sendo assim, o carinho com os filhos não deve significar falta de exigência, pois a família é a primeira e mais importante instituição no processo de educação da criança. Portanto, a relação familiar deve se centrar na necessidade física e educacional da criança.

Na concepção de Souza (1999, p. 35), o ambiente adequado à discussão sobre sexualidade, ainda é a “escola por proporcionar à criança os primeiros conhecimentos em se tratando do seu corpo, sua identidade, seu papel, o que é permitido ou desaconselhável na sociedade em que vive”.

As percepções dos alunos E4, E6 e E10 que ressaltam que se as famílias olharem a questão da sexualidade na adolescência de forma mais aberta é consoante com as colocações de Santrock (2014): adolescentes mais escolarizados e de famílias com alta renda têm a sua vida sexual adiada precocemente, para se dedicar aos estudos; famílias com rendas menores e com familiares sem escolaridades, religião e negras estão propícios a iniciarem a sua vida sexual precocemente; famílias bem estruturadas financeiramente costumam ter um diálogo mais aberto com os filhos e, maioria das vezes, querem que eles estudem se formem para depois constituírem família.

O impacto das mudanças provocadas pela adolescência sobre a sexualidade, o comportamento e as reações dependem de cada um. Segundo o relato de E12, em sua família a conversa corre solta e “[...] tem coisas que a minha mãe e o meu pai aprendem comigo, coisas que eu aprendo com eles. Experiência, total liberdade e

intimidade para falar sobre tudo”, espontânea em seu relato e falando do assunto com naturalidade, fala sobre masturbação:

E12: Em todo lugar. A duchinha do banheiro... Nossa senhora gente que coisa louca, eu viajei naquilo. Tem gente... Igual você sobre a masturbação. Pra mim eu acho importante, porque na masturbação você se conhece. Então, isso na hora do sexo mesmo [...]. Se você se conhece, você sabe onde você sente prazer, onde vai ser bom pra você e a outra pessoa também... sucesso garantido.

Essa excitação relatada pela aluna E12 é consoante com o que diz os PCNs (Brasil, 1997, p. 82) sobre a puberdade:

[...] as mudanças físicas incluem alterações hormonais que, muitas vezes, provocam estado de excitação incontroláveis, ocorre intensificação da atividade masturbatória e instala-se a função genital. É a fase das descobertas e experimentações em relação à atração e às fantasias sexuais. A experimentação dos vínculos tem relação com a rapidez e a intensidade da formação e daseparação de pares amorosos entre os adolescentes.

Na fase da adolescência, destaca-se a fase de maior participação no mundo extrafamiliar e essa relação tem como característica ser mais recebida de maneira diferente por cada sujeito. A abordagem de conversar sobre sexualidade em família direcionou as concepções dos alunos para questões mais pessoais sobre masturbação, prazer, e não especificamente em torno da família. Nessa perspectiva, as concepções destacadas se aproximaram mais do objetivo deste eixo temático. É importante conhecer o que pensam os alunos sobre sexo, sexualidade e sociedade, considerando que esses os dos primeiros elementos são alvos de polemica e divergência no contexto social.

4.6 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE SEXO, SEXUALIDADE E SOCIEDADE

Sexo, sexualidade e sociedade têm muito a ver com gênero, um contexto no qual a mulher ocupa o segundo plano. Butler (2003) ressalta que foi forjado o conceito de gênero para contrapor determinismo biológico associado ao destino: nasce homem ou mulher e explica:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a 'cultura' relevante que 'constrói' o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a

biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p. 26).

Questionados sobre esse trinômio sexo, sexualidade e sociedade, o resultado obtido é apresentado nos diálogos do grupo focal, no qual podemos observar as percepções dos alunos, num debate interessante de ideias. A aluna E12 leva essa questão para acontecimentos recentes, por exemplo, homem rico, com idade entre 35-60 anos, busca relacionamentos com garotas jovens em troca de custear sua educação, oferecendo melhor qualidade de vida, acesso a bens. Enfim, a realizar sonhos que talvez não fosse possível em seus cotidianos devido a sua condição de vida e/ou de sua família e/ou a de luxo. E relata:

E12: Pode ser *Sugar Daddy* e *Sugar Mommy*, se você for homem é *sugar daddy* e se você for mulher é *sugar mommy*. Aí o que, que você faz? Vamos supor que ele é milionário, não necessariamente precisa ser milionário, e eu quero ser uma *sugar baby*, eu preciso ter dinheiro pra poder fazer um *book*. Sabe o *book* rosa pra modelo? Então, é a mesma coisa. É, tem que fazer um *book* com fotos mostrando, exibindo a minha beleza. Daí eu vou postar esse... esse *book online* no *site* específico que tem e daí o Thiago vai tá lá olhando, olhando “putz, gostei dessa daqui”, daí eu vou ser selecionada, mas não necessariamente vai ter que ficar transando comigo...É. Isso. Vai me patrocinar. Aí tipo, eu quero viajar... todo final de ano eu quero fazer uma viagem de 50 mil, vou gastar 50 mil nessa viagem. Se o Thiago ele pode me dá esse 50 mil, pode pagar minha faculdade, pode bancar a viagem que eu quero, me dá esses presentes... ele vai me selecionar.

O relato demonstra como as adolescentes estão sendo influenciadas pela mídia, pelas redes sociais. Informação fácil e muito abrangente, pois a internet conecta pessoas em todo o mundo. Devemos considerar a argumentação de Butler (2003, p. 27), de que “[...] o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva, pois é gênero desde o começo”.

Nesse contexto, questiona-se de que vale a orientação sexual preconizada pelos PCNs que trata a sexualidade em três dimensões, a psíquica, biológica e sociocultural.

Com os relatos transcritos abaixo, podemos observar como os adolescentes trocam ideias entre si, enquanto discutem o tema e inserem na conversa questões de virgindade, experiência com o mesmo sexo, entre outros assuntos.

E9: Eu tava ficando e tal, beleza. Aí tinha uma mulher assim que... eu e ela tava num assunto maior bom e eu comecei a falar também. “Nossa tava ficando com um garoto e tal”. Aí uma mulher que ela pegou saiu do boteco e veio falar comigo “Você por acaso é gay”. Aí eu falei assim, “É da sua conta”. Aí tipo assim minha amiga falou assim “Para que você tá com uniforme”. Porque tipo assim, quando você tá com uniforme tem que respeitar a empresa

e tal. Falei assim “Foda-se também isso tá?”. Aí tipo assim, ela pegou e começou a falar “Você é gay, você tem uma rola” ... Aí tipo assim começou a falar, já ouvi isso. Aí ontem juntou tudo minha mãe na hora que eu cheguei em casa começou a falar merda e homem dentro do ônibus. Aí né, continuando. Ela começou a falar, “Você tem uma rola, por que você não chega e sai transando com as meninas”. Aí eu falei assim “Que eu saiba a rola é minha e eu faço com ele o que eu quiser”. Aí ela começou a falar um monte de coisa. Aí a minha amiga assim “Calma, você está de uniforme”. “To nem aí”. Aí eu peguei e falei, eu cheguei e falei bem assim “Oh, em questão de eu não sei quem é você e você não sabe quem é eu. E outra coisa também. Sobre a minha orientação sexual é eu que escolhi ser o que eu sou não foi você não. Partiu de mim e eu sou o que eu sou porque eu quis”. Assim, porque... passar de um tempo “Ah vou ver como é que é”. Peguei e descobri, nossa me gostei e tal, “to” nem aí. E depois falei assim “E outra, lembra que eu não estou na sua casa para ficar beijando o seu marido nem seu filho nem ninguém da sua parte de sua família. E eu não “to” comendo também o seu filho, nem seu marido, nem nada. E outra coisa não é da sua conta você sair do seu lugar, se intrometer na conversa dos outros e você pegar e quer dar lição de moral. E outra coisa a gente tá no transporte público, tem gente que as vezes está chegando do trabalho... E outra coisa eu também não “to” afim de ouvir desaforo de ninguém”. “E outra coisa além de mais eu não sou de levar desaforo para casa então você pega e me faça o favor você fica na sua e eu fico na minha. O que você ouvir, pega um fone, ou se não pega um tampão de ouvido e coloca no seu ouvido”. E tipo assim, ela ficou toda, toda... ficou com a cara lá em baixo.

As palavras de E9 servem para exemplificar uma situação corriqueira em muitas famílias que não aceitam a sexualidade do filho, pressionam para que mudem a orientação sexual, recriminam e, em algumas situações rejeitam. Tomemos como exemplo, a experiência dos alunos E4 e E2:

E4: Teve uma vez que eu fui tava muito ruim. E eu namorava com a C, porem ela era de maior e eu de menor. Como eu sou de menor ela pode entrar comigo né. Aí me falaram a classificação para fazer o negócio aí a mulher me perguntou bem assim. “Você é o que dela”. Ela falou “Ela é minha namorada”. Ela falou “Não pode entrar com ela”. Eu falei “Por que eu não posso falar com ela. Que ela é minha namorada”. “Não, você não pode entrar com ela”. Aí tinha... fica duas mulheres, uma aqui depois aqui. Ela bem assim, independente dela ser a namorada dela ou não ela é de maior e ela é de menor. “Mas eu não posso aceitar”. Eu falei, então você pode aceitar uma... se fosse um menino, eu poderia entrar com um menino, mas eu não posso entrar com ela por que ela é minha namorada?” Eu falei. Não pode, não pode, não pode, não pode. Aí eu falei, “Não vai poder não”, vai tomar todo mundo no cu, peguei a ficha e entrei lá dentro. Eu falei olha só “Falaram que eu não podia entrar com a minha namorada sendo de maior e tal”. Aí ela... aí um cara bem assim, “Não, isso não tem nada a ver, porque você é de menor, você pode entrar sim”. Então são essas coisinhas que a gente acaba perdendo a paciência, acaba arranjando uma confusão. Porque eu namoro com uma mulher e eu não posso ir no lugar com ela? Acho isso muito errado.

E2: Teve outros lugares que eu cheguei, eu fui no foco e as pessoas tudo começavam olhando, porque ela sempre andou de mão dada. A gente nunca teve vergonha, na Serra, em qualquer lugar. E as pessoas, e as pessoas passavam olhando, mas você via que não era um olhar maldoso. E as pessoas “Deixa eu te perguntar”. Aí eu falava “Amor sei lá o que”, eu falava “Amor sei lá o que”. Aí as pessoas falavam assim “Vocês são um casal? Posso tirar uma foto com vocês, porque eu achei massa cara e tal”. Ah aquela mulher, um dia

eu vou mandar tomar no cu de novo.

Por meio da convivência familiar, a criança assimila e adquire as primeiras normas morais e sociais, vivenciam suas primeiras experiências na relação com seus pais e irmãos. De acordo com Oliveira (2002, p. 65), são funções principais da família:

Função sexual, reprodutiva, econômica e educacional. As duas primeiras garantem a satisfação das necessidades sexuais dos cônjuges e perpetuam, pelo nascimento dos filhos, a espécie humana. A função econômica assegura os meios de subsistência e bem-estar. A função educacional é responsável pela transmissão, à criança, dos valores e padrões culturais da sociedade.

Quando a discussão envolve sexo, sexualidade e sociedade, é preciso tempo pois o assunto demanda longos debates, opiniões diferentes e concepções antagônicas. Contrapondo o entendimento acima, Butler (2013, p. 47) enfatiza que postulando o “sexo como causa das experiências sexuais, do comportamento e do desejo a produção tática da categorização descontínua e binária do sexo oculta os objetivos estratégicos do próprio aparato de produção”.

Algumas famílias ao identificar a sexualidade dos filhos buscam o diálogo, tratam a questão sem foco no preconceito, travam uma conversa aberta, esclarecida e objetiva. Outras, no entanto, não aceitam a escolha, como complementa o aluno E9, ao retomar a palavra e destacar a reação da mãe que, em sua concepção, aceitaria:

E9: Deixa-me falar, minha mãe ela por um lado dela nossa, acho que ela vai aceitar e tal. Foi meu pai que falou assim. Ele mora lá em São Paulo, ele agora tá tipo assim “Agora eu vou começar realmente a buscar mais o meu filho”. Porque assim, ele sempre deu mais carinho para o meu irmão pequeno. Só que. Aí tipo assim, beleza, voltando né. Ele pegou e eu falei para a minha mãe. Minha mãe falou parece que foi assim... Naquele dia falou assim... eu ouvi tanta merda, tanta merda. Ela ainda falou assim... “Você sai da minha casa”. Aí peguei, peguei e fiquei sentado lá em baixo. Aí ela foi lá e me ligou e tal. Falou assim “Volta que eu quero conversar com você”. Ela disse “Por que você é assim?”. Eufalei assim “Bem, porque foi uma escolha que eu fiz”. E ela pegou e falou assim “Você já deu, você deu o...” Eu falei assim “Bem” ... Aí eu dei uma assim “Bem, em princípio quem foi que deu fui eu e não foi você”, mas eu não falei isso. Eu falei “Não, eu não fiz isso ainda, só dei uns beijinho e tal” Beleza. Aí ela falou bem assim, eu vou falar para o seu pai, porque é direito dele de saber. “Não você não vai falar, porque eu quero falar com ele. Quero partir de mim. Eu quero falar pra ele”. Ela pega fala uma coisa e vai falar para ele uma coisa completamente ao contrário.

Considerando as temáticas e como os alunos expõem e explanam suas ideias e entendimentos, percebe-se a necessidade de capacitação, habilidade e domínio por parte do professor para tratar no dia-a-dia da sala de aulas as questões relacionadas a sexo, sexualidade e sociedade.

Ainda que os PCNs abordem a sexualidade como tema transversal, é preciso proporcionar ao professor continuada e sistemática formação para que o assunto seja discutido em sala de aula e no ambiente escolar (em geral): sem tabus, preconceitos, discriminação, e sim como objeto de orientação e conscientização na formação do aluno e na construção e desenvolvimento de seu conhecimento.

Como destaca Lacadée (2011), instituições castrantes, tais como escola, religião e sociedade, trazem à tona os sentimentos de culpa em que as realizações desses desejos são nomeadas como crime, pecado, fetiche ou tabu, tudo que tem relação com sexo, sexualidade no prisma da sociedade.

Ao discutir a questão sociedade, sexo e sexualidade, Jesus (2012) destaca outras identidades afetivo-sexuais existentes em nossa sociedade, que estabelecem diferença em relação à ao considerado padrão, isto, é a heterossexual. O autor apresenta: a homossexualidade - atração pelo mesmo gênero; bissexualidade - atração sexual por pessoas de qualquer gênero; panssexualidade - não importa o gênero, a atração afetiva e sexual surge; e assexualidade - não sente atração sexual por nenhuma pessoa.

Na abordagem seguinte, buscou-se identificar o que pensam os adolescentes sobre a questão da sexualidade no âmbito escolar.

4.7 NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE NA ESCOLA

Ao abrir a discussão sobre sexualidade na escola, dois alunos E1 e E10 consideram que a escola parece uma prisão, visto que tem grades e horários a serem cumpridos. Esse entendimento dos alunos pode ter relação com o comportamento inseguro do professor ao tratar em sala de sala sobre a sexualidade e questões de gênero. Nesse sentido, de acordo com os PCNs, o professor deve estabelecer e criar uma relação de confiança com a turma, para que possa ser aceito e discutir, de forma mais aberta, as questões da sexualidade com os alunos (BRASIL, 2000).

A primeira impressão não é nada positiva, mas tem aluno otimista e consciente de que poderia ser diferente, como destaca E6:

E6– Eu acho que poderia ser melhor. É igual, eu to no 3º ano, só que ano que

vem tecnicamente era pra mim ir pra faculdade, não vou ano que vem, mas eu... o normal seria eu já ir pra faculdade. Só que... Lá... Voltando, daqui a pouco... Lá no fundamental, eles... no 9º ano, pelo menos a escola em que eu estudei, eles começaram a preparar a gente pro Ensino Médio. Não tratava mais a gente como fundamental, tratava como Ensino Médio. Daí quando eu cheguei no Ensino Médio foi um baque só na questão da educação, do ensino, porque o tratamento eu já recebia aquele tratamento, então não foi nada novo. Mas agora, eu sei que lá na faculdade, como eu sou tratada aqui eu não vou ser tratada lá. Então, eu acho que deveria haver essa mesma... essa mesma recepção, mesmo eu estando no 3º ano, pra quando eu chegar na faculdade, porque aqui eles infantilizam muito o aluno “ah, você quer sair pra beber água você tem que pedir”, “você quer ir resolver alguma outro assunto naquela aula você tem que pedir”, “você só pode sair na 2ª e na 5ª aula, na 1ª não pode, porque você acabou de chegar, na 3ª vai vir o recreio...”, como tipo, se você mandasse no seu sistema urinário, na sua sede... tá certo que até a sede você pode levar uma garrafinha, não leva quem não quer, mas se a pessoa precisa ir eu acho que não deveria ter necessidade de pedir sendo que na faculdade ela não vai ter isso.

A convivência escolar promove experiências de vida, possibilita a aquisição do conhecimento, oferece oportunidade e condições de desenvolver melhor a percepção humana sobre as injustiças, preconceito e discriminação social que podem, de uma forma ou de outra recair sobre cada indivíduo. Uma das principais características da escola é a diversidade que o ambiente comporta. Trata-se de um espaço que, num primeiro momento, deveria ser aberto a todo tipo de discussão, debate que promovam a construção do conhecimento. Nesse sentido, E11 analisa:

Eu acho que a escola, posso dizer que a função dela é em três coisas, primeiro a que seria como... a forma como a gente interage, com maior e também... Outra coisa, como a gente lida com as normas, tanto do sentido da gente se socializar quanto também das normas, ser pontual. E tem outra coisa que seria ser inteligente. A escola serve pra te ensinar ser inteligente. Inteligência... a gente tá acostumado com inteligência é a pessoa que sabe fazer uma matéria toda, sabe a prova, mais características. Inteligência se trata da sua capacidade de aprender, da nossa capacidade de desenvolver. Seria... você conseguir saber fazer as coisas, resolver seus problemas usando formas pra desenvolver.

A escola deve trabalhar a questão da sexualidade de modo diferenciado de como a família conduz este processo, haja vista que a família agrega seus valores morais indissociáveis à sexualidade nos filhos, enquanto as instituições de ensino cumprem o papel de ampliar esses conhecimentos em direção as diversidades a valores existentes na sociedade. Construir o conhecimento a partir da informação, da orientação sobre sexo e sexualidade no ambiente escolar deveria ser prioridade da grade curricular. Questionado sobre esse tema, E2 destacou:

Considerado um país o ensino é atrasado. Totalmente diferente dos países lá de fora. Nos Estados Unidos mesmo, não tem essa de “ah, cê tá no 3ª ano

e o pessoal que tá no 1º não pode misturar”. Não, eu, junto e misturado o professor tem a sua sala não é o aluno que. Não tem a sala do 3º ano, a sala do 1º a sala do 2º é geral. É. Todo mundo se conhece. Isso é uma forma de se socializar e todo mundo... é... realmente. Eu não vou vê a cara de fulano todo dia, alguns professores eu não aguento mais eles. E eu outras pessoas se eu tiver no recreio, na hora do intervalo, então isso é muito chato. No próprio nome do fundamental pro Ensino Médio, não tem Ciências mais tem e Biologia.

Com a acessibilidade aberta a informação, os alunos, principalmente, os adolescentes, tiram suas dúvidas sobre sexualidade em diversos sites e a partir do que tem coletado discute com outros amigos. Como destaca Brasileiro e Brasileiro (2001), a falta de informação atrapalha na educação sexual, os jovens a busca em fontes que são confiáveis e a adolescência é um período onde muitas transformações no que diz respeito a sexualidade.

O que se percebe, com a colocação acima, é a relação da sexualidade ser tratada na escola pelo prisma e conteúdo da Biologia. Para E8:

É, mais aprofundada. Mas tipo, lá é só Ciência, você vai aprender as três matérias numa coisa só. Aqui não, a única coisa que diferencia é isso. Lá fora não, não tem esse tédio que tem aqui. Essa semana só tem uma aula de Educação Física, é uma aula mais assim, legal que não é dentro da sala. Mas lá fora não, eles não colocam os alunos pra ficar preso dentro de casa. Sempre tem atividade extra, o aluno tem uma dimensão. Educação Física deles não é só numa quadra, você joga futebol, handebol, lá não o aluno escolhe ele pode fazer natação, basquete, jogar futebol americano é o aluno que escolhe, é ele que decide. Aqui não, não tem esse direito.

Discutir, ensinar, orientar e, principalmente, trabalhar as questões da sexualidade em sala de aula, torna esta tarefa difícil devido ao comportamento do aluno que começa com piadinhas, sorrisinho maldoso, perguntinhas indiscretas, muitas vezes, muito além da Biologia e do conhecimento do professor (BRASIL, 2000).

Os alunos questionam pequenos direitos que estudantes de outros países possuem nas aulas de educação física. E4 ressalta “vocês já pararam pra pensar por que a gente não tem esse direito? Por que as coisas são feitas dentro da escola, você chega as regras já estão prontas, mas a gente acha que sempre foi assim”. E7 entra na conversa e diverge da colocação acima, afirmando:

Não pode dá essa tal liberdade, porque como diz minha mãe, cê dá a mão a pessoa quer o braço todo. Se tivesse essa liberdade eu acho que não daria certo. Pode dá sim, mas possivelmente não daria, porque muitas pessoas se aproveitam um do outro. Entendeu? Se for olhar nesse caso, principalmente... o garoto que morreu ali, já pensou se a escola não tivesse grade, não tivesse

nada ele ia correr pra onde? Ia, pô, na escola, os caras não vão entrar pra colocar muitas vidas em risco. Eu acho que ele queria fazer isso, por achar que os garotos não iam entrar na escola por conta de envolver muitas vidas. Então se desse essa tal liberdade que todos falam e julgam eu acho que não daria certo, na minha opinião.

É preciso enfatizar que cada sociedade cria um conjunto de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo. Contrapondo a opinião do colega, E9 chama a atenção para um ponto fundamental quando se trata da liberdade:

Aí entra outra questão da vigilância. Existe crime? Existe. Mas o governo... existe lá fora, muita. Mas o governo, lá as pessoas vão pra rua de verdade, enquanto não resolverem o problema eles não sossegam o faixo, aqui não tem isso. Cara, teve a greve dos caminhoneiros o pessoal começou a se mobilizar, levantar um pouquinho porque começou a faltar comida, começou a sair... Exatamente a galera abusa.

A conversa muda de direção e o eixo passa a ser político, a discussão se envereda por um processo de comparação entre Brasil e Estados Unidos, liberação do uso de maconha, questões associadas ao Conselho Tutelar, abandono de incapaz. Em síntese, foge da proposta de discutir a sexualidade no ambiente escolar. Entre as concepções e percepções sobre a escola, E1 argumenta que o aluno brasileiro é “pressionado a ir pra escola [...] sabe que se for e começar a faltar vão ligar pro conselho tutelar”.

Para E5, fica somente naquele sonho de infância, “tá tudo bem, tá tudo tranquilo, você finge que as coisas tão bem e elas não estão [...], mas tem a questão de que a sociedade ela não quer que os seres humanos, os indivíduos daqui sejam eles”.

Outra crítica à escola, no atual governo brasileiro, mas sem conexão com a sexualidade, é feita por E1, ao afirmar: “vocês acham que vai ampliar em educação, em investimento na sociedade porque nós todos somos um bando de ignorante, não sabemos interpretar, e começam a julgar”. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola deve comunicar e dialogar com os diferentes tabus, preconceitos, atitudes e as crenças que fazem parte na sociedade e na vida das pessoas.

A proposta é que a orientação sexual oferecida pela escola trabalhe com os adolescentes a repercussão das mensagens transmitidas pela mídia, família e sociedade, preencha as lacunas das informações que já possuem e crie possibilidade

de formar opinião sobre o que é apresentado (BRASIL, 2000). Quanto à questão da sexualidade na escola, E8 destaca que os Estados Unidos da América do Norte são um modelo a ser seguido e apresenta. Em sua percepção:

Não vai ampliar, investir em educação, quanto mais pessoas analfabetas melhor pra eles. Porque não vai ter conhecimento de quem é aquela pessoa, o que ele vai fazer, se ele realmente vai mudar, por isso que o governo não investe em educação, porque sabe que vai ser um prejuízo dobrado. Vai ser tipo Estado Unidos, o povo tem a voz [...].

Nessa discussão cabe destacar as narrativas do aluno E2, na perspectiva da conversa sobre sexo, sexualidade em família sobre sexualidade:

E2 – Eu creio que funciona o seguinte, se a criança ela foi educada... não... não to falando de ocultar a informação dela eu to falando de deixar aberto pra quando ela quiser perguntar ela tem total liberdade e incentivar também. Isso é totalmente importante, assim como ela falou. Só que assim como, o W. já tinha feito antes disso é uma obrigação total dos pais, não podemos esperar isso da escola, porque a gente tá acostumado que a escola passa só aquela informação básica e tal, tal, tal, mas não passa uma opinião, além de não passar uma opinião, não passa um modelo. Só passa só... oh, acontece assim, assim, assim e assim. A criança ela vai se formar, ela vai ter que formar... ela não vai ter informação suficiente pra desenvolver a própria personalidade. É aí que entra os pais. Os pais vão lá, educam e ensinam, é assim, assim é assim. Assim como ela falou... assim como a... esqueci o nome.

O professor, enquanto parte do processo de aprendizagem e de formação do aluno, deve reconhecer, juntamente com eles (crianças ou adolescentes), a importância e licitude de acesso e conhecimento sobre a sexualidade, pois falando ou não sobre o tema ele transmite seus valores. Precisa de capacidade de discernimento e cuidado para não transmitir para as adolescentes seus valores, opiniões e crenças ou a sua expressão própria, em relação à sexualidade.

Maior independência e desenvolvimento que são importantes para os adolescentes podem ser proporcionados através da flexibilidade sem que isso implique em excesso de liberdade. Preuschoff (2003) defende que uma educação mais liberal dá ao jovem um espaço mais amplo e que pode ser criativamente preenchido.

Amenizando a discussão, E9 destaca “nosso país tem muita coisa boa que lá fora não tem. Se eu tô passando mal, posso marcar uma consulta e vir aqui e vão me atender demora? Demora, mas vão atender. Lá, tem que pagar, na moeda do país”.

Esperava-se uma discussão ampla e aberta sobre sexualidade na escola, uma

questão polêmica e que precisa ser discutida de forma sistemática entre alunos de todas as etapas escolares. Pelas opiniões, a questão de como a sexualidade é tratada nas escolas brasileiras tem a ver com o desrespeito aos direitos dos alunos, falta de investimento na educação e formação dos professores.

Querendo ou não a escola interfere de qualquer maneira na construção da sexualidade de cada discente. A escola precisa reproduzir a imagem do seu papel, e fazendo de uma forma profissional e cônica. O aluno ao conhecer sobre sexualidade, precisa respeitar, sem discriminação, o comportamento do outro, as diferenças de culturais e religiosas, buscar o máximo de conhecimento possível que a escola transmite e agregar os seus valores juntamente com os da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa buscou-se investigar as narrativas de estudantes do Ensino Médio sobre sexualidade e adolescência, em escola pública do estado do Espírito Santo, para isso 12 alunos do ensino médio, expuseram suas percepções em grupos focais, debatendo acerca de sexualidade, a partir de diferentes eixos temáticos: adolescência, transformações corporais e nos órgãos genitais, homossexualidade, sexo e sociedade e sexualidade na escola.

Com essas discussões em diálogo com as teorias apresentadas, tais como a psicanálise, sociologia e filosofia, buscou-se interpretar as percepções dos adolescentes estudantes como um reflexo da vida em sociedade, uma vez que a cultura em que vivemos não nos transporta a questionar padrões e imposições produzidas pelo sistema social que interferem nas relações e na convivência de seus membros, ou seja, dos cidadãos. Por isso, é papel fundamental para a escola problematizar, tais questões em sala de aula e em todos os espaços educativos do ambiente escolar.

A partir das narrativas dos alunos foram identificados discursos que complementem ou corroboram práticas de discriminação e preconceito na sociedade, muitos discursos são repetidos reproduções da vida em sociedade, uma vez que ainda estão em construção de uma consciência individual e coletiva. Durante a discussão dos temas apontados nos grupos focais, não demonstraram

ser capazes de eleger significados para o que realmente os torna sujeitos. Essa indefinição pode ser explicada pela perspectiva de Freud (1905), que ao destacar que a repressão da sexualidade na infância, adolescência e a vida adulta torna os indivíduos neuróticos e reprimidos, dificultando a liberdade de suas sexualidades.

O estudo evidenciou que os alunos do ensino médio possuem conhecimento e informações abrangentes sobre os temas discutidos, argumentam e defendem, com firmeza seus pontos de vista, apontando exemplos, contrapondo opiniões, divergindo e/ou concordando com a opinião de outros colegas de sala de aula e dos professores. Contudo, a fundamentação ainda é baseada no senso comum e relatos de experiência individuais.

As insituições de ensino precisam se preparar melhor para lidar com a sexualidade no espaço escolar, haja vista que ainda abordam essa questão de uma forma superficial e não utilizam a interdisciplinaridade, o que poderia ampliar ainda mais a visão dos alunos. É através da sexualidade que se busca a realização pessoal e sexual, e esta realização deve ser completa, sem tabus e preconceitos, deve ser encarada naturalmente como parte que integra a vida.

Quanto a discussão da sexualidade no espaço escolar, essa questão não foi bem respondida pelos alunos, os resultados não evidenciaram claramente se os mesmos percebem a escola como espaço de debate sobre sexualidade, não foi possível descrever o entendimento deles de como se processa e/ou deveria se trabalhar a sexualidade na escola. As opiniões mostram que os adolescentes se sentem pressionados a participar de atividades escolares, estar matriculados e apontam para o desrespeito a alguns direitos dos cidadãos, questões sociais, entre outras, entendemos assim que há grande complexidade em compreender a interação dos participantes com sua própria sexualidade no contexto social em que vivem.

Enfim, concluiu-se que a construção das narrativas dos estudantes implicados nesta pesquisa pautou-se também na história da sexualidade humana, em que a escola, família, religião, isto é, os aparelhos ideológicos sociais, agem continuamente e sistematicamente no comportamento dos sujeitos com a finalidade de, tornar

os sujeitos reprimidos nas suas relações sociais, interpessoais e sexuais. No entanto para Foucault (2014), não é possível estar “fora do poder”. É-necessário permear as relações de poder para criar resistências, neste sentido, para tornarmos a escola um local que impulsione esses sujeitos. Nós, enquanto professores, devemos ser os primeiros a nos colocar no frente da resistência, educando e ensinando de maneira a tornar a sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p.163-178.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-587, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/>>. Acesso em 05/03/2019.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. São Paulo: Martins Fontes; 1974.

ALVARENGA, M. **Transtornos alimentares**. São Paulo: Manole, 2003.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BRASILEIRO, E. BRASILEIRO, M. **Educação Sexual**. São Paulo: ReF Ltda., 2001.

BENTO, B **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Guaramond, 2006.

BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, 26(1), 126-136, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/14.pdf>>. Acesso em 05/03/2019.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva socio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão**. Caderno CEDES. Campinas, v. 24, 2004.

BORRILLO, D. **Homofobia história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, J. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural orientação sexual**, v. 10. Secretaria de Educação Fundamental, 2. Edição, Brasília, Editora, DP & D, Ministério da educação, 2000.

_____. Ministério da Educação **Orientação Sexual**. Brasília, 1997. BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

CALLIGARIS, C. A adolescência. **Coleção Folha Explica**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.

CÉSAR, M.R.A. **Lugar de sexo é na escola?** Sexo, Sexualidade e Educação sexual. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED, 2009.

CISNE, M. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo, 2014.

COLLING, Leandro. **A heteronormatividade nas representações de personagens nãoheterossexuais nas telenovelas da Rede Globo (1998 a 2008)**. Texto apresentado no XIX Congresso da AILCFH, realizado em Quito, de 1º a 3 de outubro de 2009.

COUTO, D.P. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. **Psicologia em Pesquisa**, UFJF, 11(1), 1-10, jan-jun, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v11n1/04.pdf>>. Acessado em ago. 2019.

DAGNESE, N. **Cidadania no Armário – uma abordagem sócio-jurídica acerca da homossexualidade**. São Paulo: LTr, 2000.

DAYRELL, J.T. **A escola faz juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DIAS, M.B. União homossexual: o preconceito e a justiça. 3 ed. **Revista e atualizada**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

DIEHL A; VIERA, D.L. **Sexualidade: do prazer ao sofrer**. São Paulo: Roca Ltda, 2013.

EGYPTO, A.C. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante: o projeto de orientação na escola**. (Org). Clara Regina Rappaport. São Paulo. EPU, 1981.

FREUD, S. **Três Ensaio sobre a Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (v. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1905. Análise disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14199.pdf>>. Acesso set. 2019.

_____. Freud S. **Obras completas**. Rio Janeiro: Imago. 1977.

_____. **O mal-estar na civilização**. ESB, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) 1915-1916**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora. 2006.

_____. **Totem e Tabu**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago 1976. (Obra original publicada em 1913).

_____. O interesse científico da psicanálise. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989g. v. 13. (Originalmente publicado em 1913).

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2014.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRIORI, W.R. **Teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais – modelo psicanalítico**. São Paulo: Cortez, 2003.

GATTI, B.A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Sociologia geral**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

FIORI, W..R. **Teorias do Desenvolvimento: Conceitos fundamentais: modelo**

psicanalítico. São Paulo. Cortez, 2003.

INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE DIREITO DE FAMÍLIA (IDEF). **Homossexualidade**: discussões jurídicas e psicológicas. Curitiba: Juruá, 2001.

JOHNSON, A.G. **Dicionário de Sociologia Guia Prático da Linguagem Sociológica**. Tradução: Ruy Jungmann Consultoria: Renato Lessa Professor e diretor-executivo, IUPERJ Professor-titular de ciência política, UFF- Rio de Janeiro.

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio**: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

MINAYO, M.CS (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MIRANDA, A.B.S. **Uma breve compreensão sobre o Complexo de Édipo**. 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com.br>>. Acesso em ago. 2019.

NOVAK, E. Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes. 2013. 38 f. Monografia. (Especialização em Ensino de Ciências) Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira. 2013.

NUNES, C; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/673.pdf>>. Acesso em jul. 2019.

OLIVEIRA, A.P. **Sexualidade e educação infantil**: uma visão histórica, teórica e cultural. 1 ed. São Paulo: edição do autor, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção do suicídio**: manual para professores e educadores. Genebra, 2000.

OZELLA, S. **Adolescência**: uma perspectiva crítica. 2013.

PFROMM NETO, S. **Psicologia da adolescência**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.

PREUSCHOFF, G. **Criando meninas**. São Paulo: Ed. Fundamento Educacional, 2003.

RECHIA, T.M. **O Imaginário da violência em minha vida em cor de rosa**. 2005. 90 p. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Campinas- SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/>>. Acesso em: ago. 2019.

RIOS, R.R. **A homossexualidade no direito**. Porto Alegre: Livraria do Advogado; Esmafe, 2001.

RODRIGUES, P. C.; WECHSLER, M. A. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro -SP, 1 (1): 89-104, 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br>>. Acesso em ago. 2019.

SANTROCK, J.W. **Adolescência**: 14^a ed. Porto Alegre: AMGH Ltda, 2014.

SANTOS, T. M. **Curso de psicologia e pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996.

SCHINDHELM, V.G. A Sexualidade na educação infantil. **Revista Aleph Infâncias**. ISSN 1807-6211. Ano V, nº 16, nov. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39056/0>>. Acesso em out. 2019.

SCHULER, D. **Eros**: Dialética e retórica. São Paulo: EDUSP, 1992.

SILVA JÚNIOR, E.D. 2 ed. **A possibilidade jurídica de adoção por casais homossexuais**. Curitiba: Juruá, 2007.

SILVA E SILVA, M. O. da. Reconstruindo um processo participativo na produção do conhecimento: uma concepção e uma prática. IN: BRANDÃO, C.R. STRECK, D.R. **Pesquisa participante**: o saber da partilha. Aparecida, SP: Ideias Et Letras, 2006.

SILVA, F.B; BRÍGIDO, E. A sexualidade na perspectiva freudiana. **Revista Contemplação**, 2016 (13), p. 125-138. Disponível em:<<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/download/110/121>>. Acesso em ago. 2019.

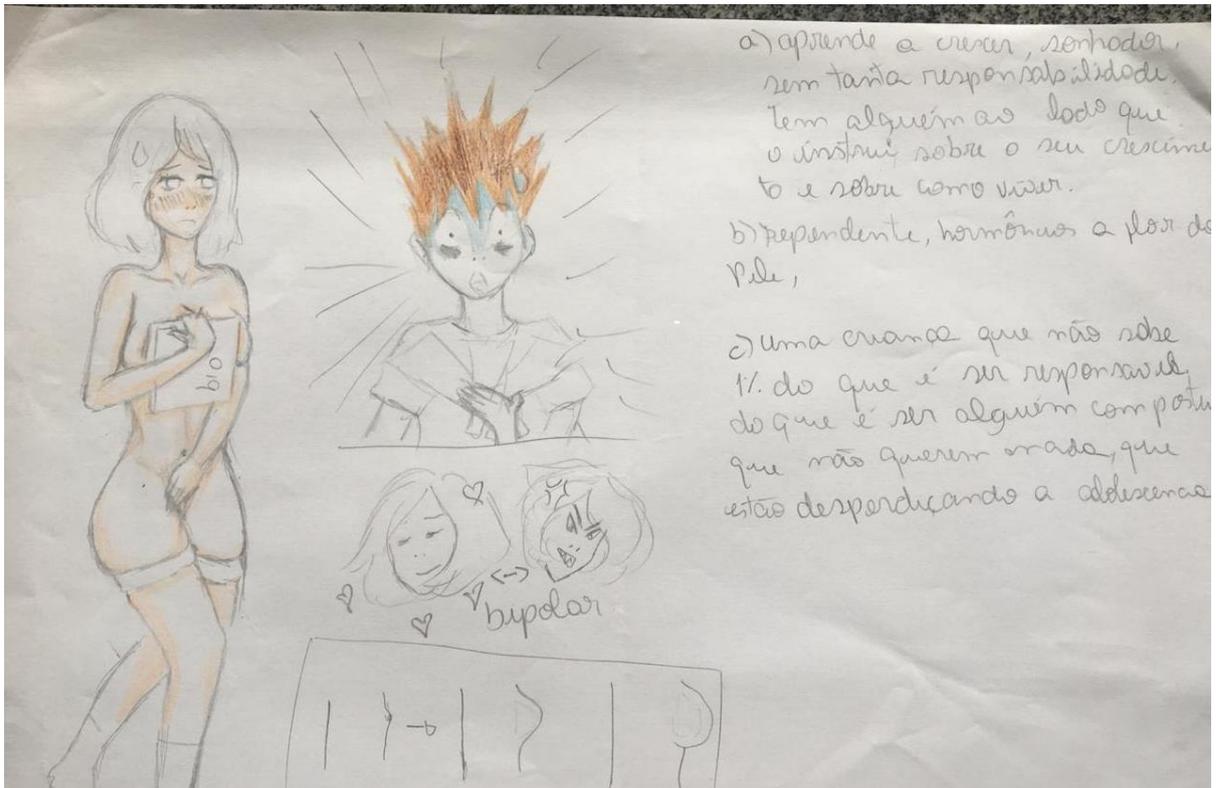
SOUZA, H.P. **Orientação Sexual**: conscientização, necessidade e realidade. Curitiba: Juruá.1999.

TRAVERSO-YEPEZ, M.T.; PINHEIRO, V.S. **Adolescência, saúde e contexto social:** esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*; v.14, n.2, p. 133-147; jul./dez. 2002.

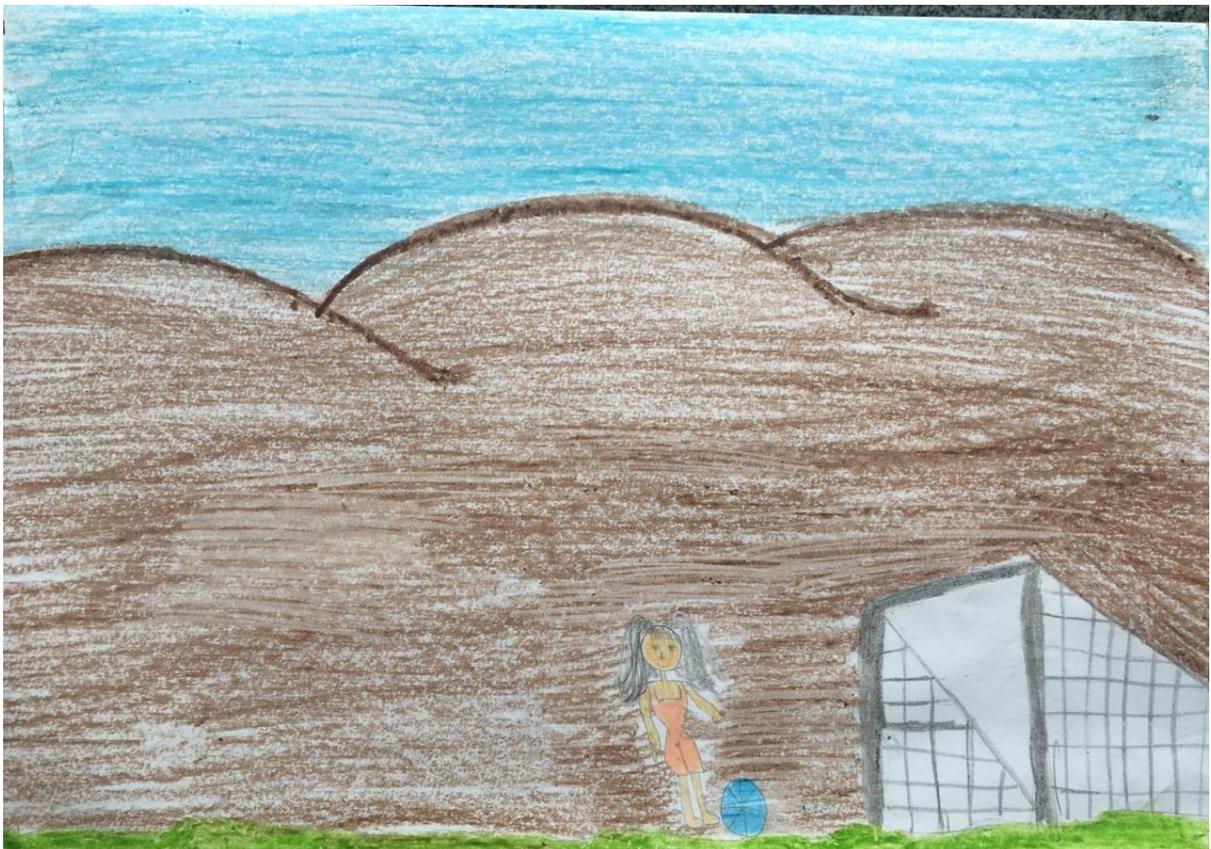
WEINBERG, C. **Porque estou assim:** os momentos difíceis da adolescência. São Paulo: Sá, 2007.

ZORNIG, S. Abu-Jamra. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08.pdf>>. Acesso em: 05/03/2019.

APÊNDICE 1 – REPRESENTAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA PARA OS ALUNOS



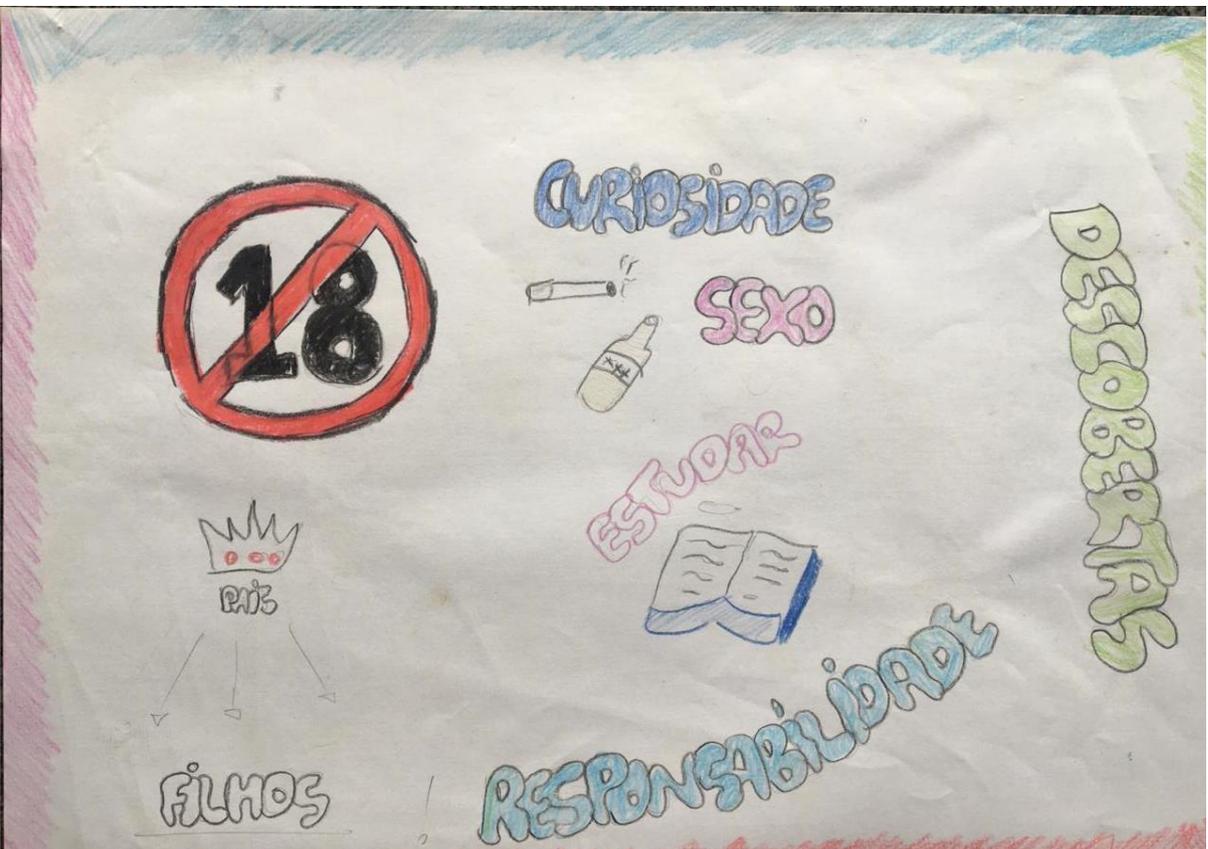
Estudante do Ensino Médio- Arquivo do pesquisador.



Estudante do Ensino Médio- Arquivo do pesquisador.



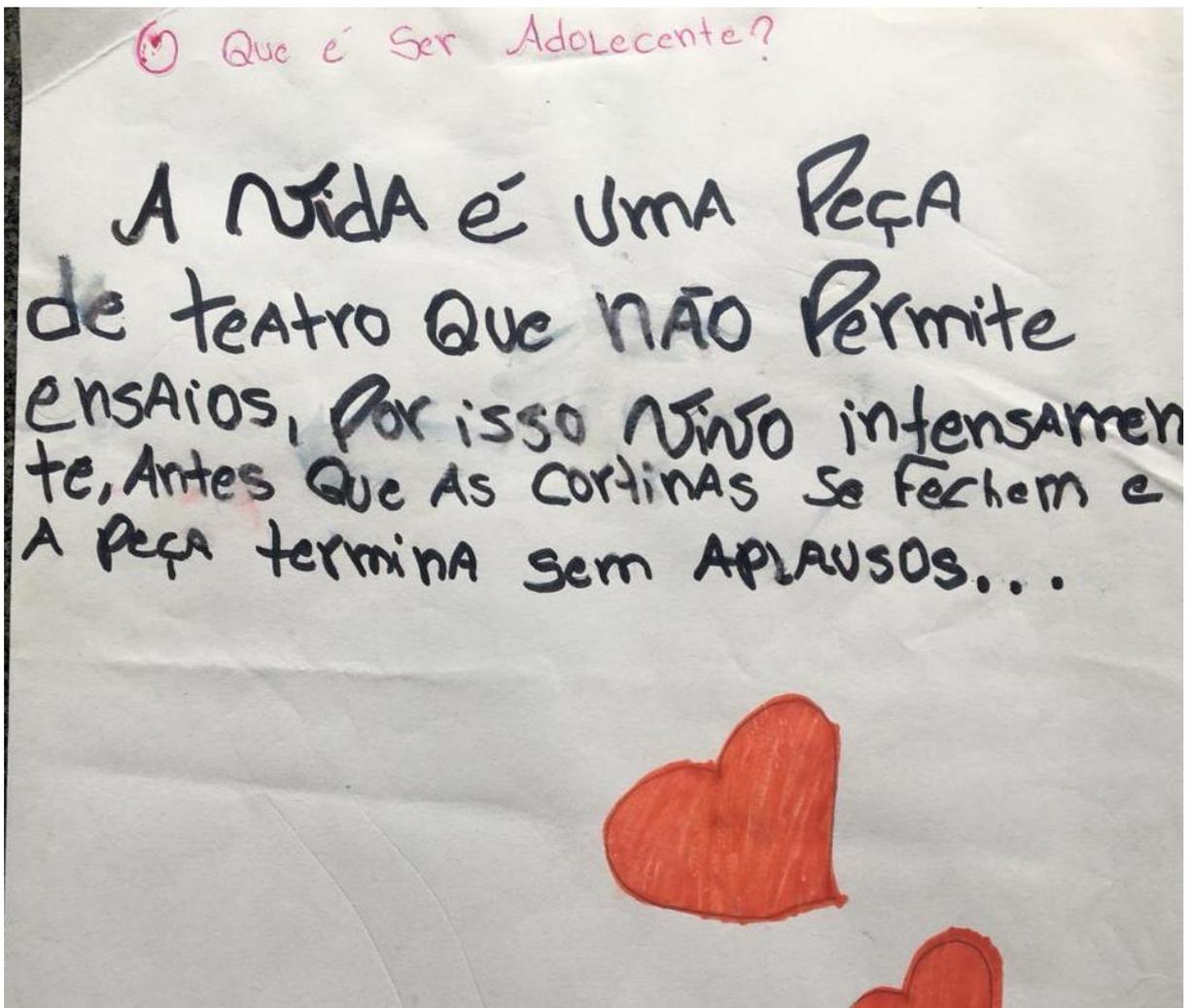
Estudante do Ensino Médio- Arquivo do pesquisador.



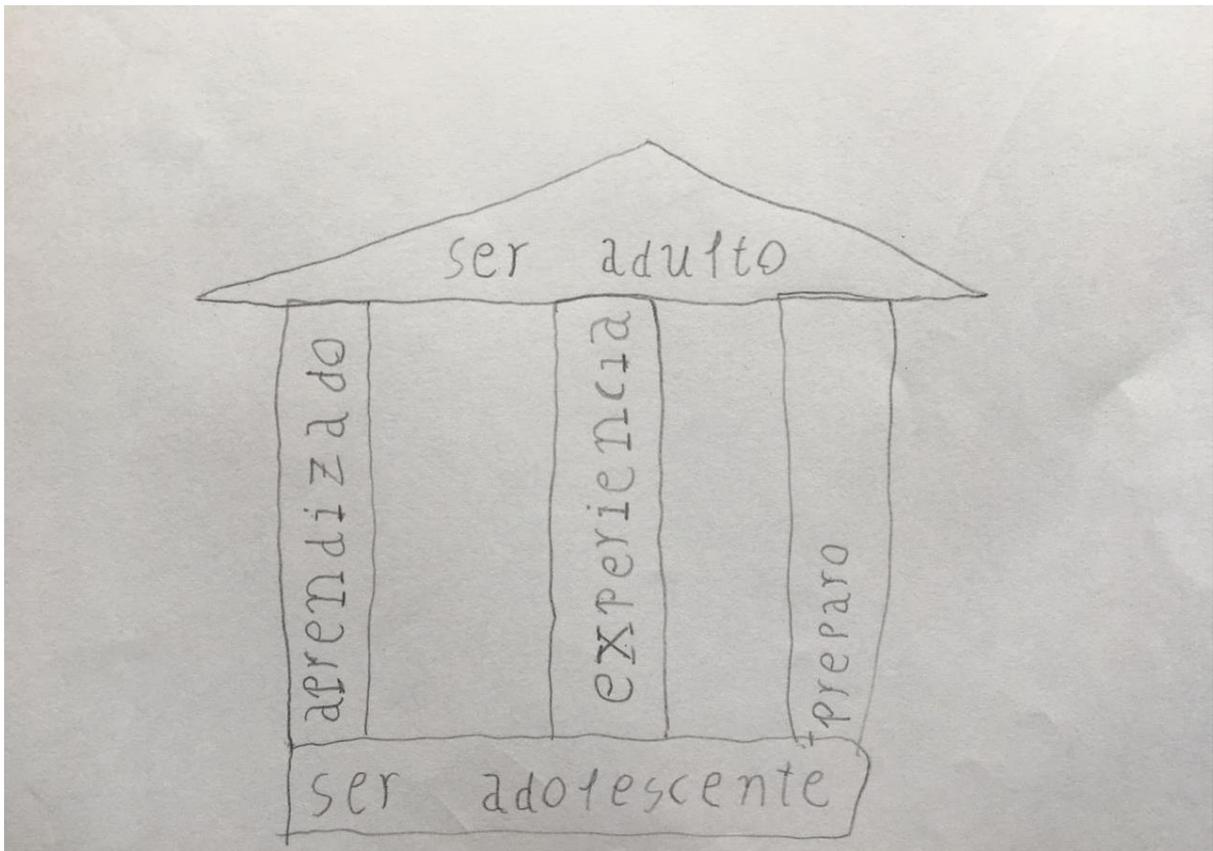
Estudante do Ensino Médio- Arquivo do pesquisador.



Estudante do Ensino Médio- Arquivo do pesquisador.



Estudante do Ensino Médio- Arquivo do pesquisador.

APÊNDICE 2 – SER ADULTO, SER ADOLESCENTE

Estudante do Ensino Médio- Arquivo do pesquisador.



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO



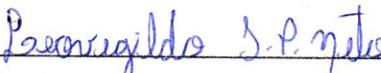
GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

EEEFM PROFESSOR JOÃO LOYOLA

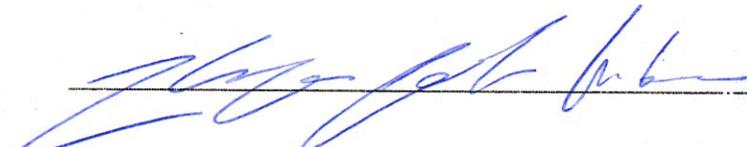
Eu, Leovegildo Izidoro Pereira Neto, número funcional 3182150, diretor escolar da EEEFM Professor João Loyola, localizada em Rua Barnabé do Nascimento Neves S/N- Serra Centro, Serra - ES, cep 29176-035, autorizo a realização da pesquisa de pós graduação do aluno/pesquisador Thiago Fernandes Madeira, número funcional 3441407 professor efetivo desta unidade de ensino, bem como divulgar os dados obtidos em sua dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica - UFES/CEUNES, sendo o mesmo responsável pela execução de todo processo sem causar ônus a instituição ou aos participantes da pesquisa.

Serra, 10 de Junho de 2018.



Leovegildo Izidoro Pereira Neto
Diretor Escolar
Portaria Nº 100-S de 26/01/2018
Nº Funcional: 3182150

Leovegildo Izidoro Pereira Neto – Diretor Escolar



Thiago Fernandes Madeira – Aluno/Pesquisador